



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
TECNOLÓGICA
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E
QUALIDADE DE VIDA

BRUNO CALZAVARA FLORES

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS SOBRE QUINTAIS:
MEMÓRIA (BIO)CULTURAL, VINCULAÇÃO AFETIVA E
QUALIDADE DE VIDA

Santarém-Pará
2018

BRUNO CALZAVARA FLORES

**CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS SOBRE QUINTAIS:
MEMÓRIA (BIO)CULTURAL, VINCULAÇÃO AFETIVA E
QUALIDADE DE VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para a qualificação no Mestrado em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida.

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas, Diversidade Cultural e Desenvolvimento Amazônico.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helionora da Silva Alves.

Co-orientador: Prof. Dr. Thiago Almeida Vieira.

**Santarém-Pará
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIGI/UFOPA

F634c Flores, Bruno Calzavara

Contribuições teóricas sobre quintais: memória (Bio)cultural, vinculação afetiva e qualidade de vida / Bruno Calzavara Flores. – Santarém, 2018.

72 fls.: il.

Inclui bibliografias.

Orientadora: Helionora da Silva Alves

Coorientador: Thiago Almeida Vieira

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida. Santarém, 2018.

1. Agrobiodiversidade. 2. Etnoecologia. 3. Qualidade de Vida. I. Alves, Helionora da Silva, orient. II. Vieira, Thiago Almeida, coorient. III. Título.

CDD: 23 ed. 333.95

BRUNO CALZAVARA FLORES

**CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS SOBRE QUINTAIS:
MEMÓRIA (BIO)CULTURAL, VINCULAÇÃO AFETIVA E
QUALIDADE DE VIDA**

Conceito:

Data do Exame de Defesa 06/11/2018

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Helionora da Silva Alves (Orientadora)
UFOPA/PPGSAQ

Prof. Dr. Thiago Almeida Vieira (Co-orientador)
UFOPA/PPGSAQ

Prof.^a. Dr.^a. Jorgiene dos Santos Oliveira
UFOPA Campus Alenquer
(Examinadora Externa)

Prof. Dr. João Ricardo Vasconcellos Gama
UFOPA/PPG-SND
(Examinador Externo)

Prof.^a. Dr.^a Iani Dias Lauer Leite
UFOPA/PPGSAQ
(Examinadora Interna)

Em memória do Prof. Dr. Rodrigo Aleixo Brito de Azevedo,
que acreditou em meu trabalho quando eu não conseguia mais fazê-lo.

AGRADECIMENTOS

No decurso de pouco mais de dois anos de formação, pude vivenciar experiências acadêmicas que contribuíram fortemente para o amadurecimento e, mais que isso, para o auto-conhecimento do meu perfil científico. Sou muito grato por transcorrer todo esse processo e sem perder os valores fundamentais que me impulsionaram a trilhar essa jornada.

Aos inúmeros serviços e desserviços que me foram dispensados nessa caminhada, meu muito obrigado. Vocês cumpriram com seu propósito educativo primeiro e gravaram impressões fortes e certamente duradouras em minha consciência.

Agradeço pelas orientações recebidas. Conselhos, dúvidas de última hora, indicação de autores, publicações, repositórios, teorias, protocolos, modelos científicos, enfim. Foram combustíveis essenciais para permanecer em movimento e sempre em busca de mais.

Agradeço imensamente às amigas colhidas nessa trajetória. Elas são os bens não publicáveis mais preciosos que poderia dispor ao final deste percurso.

Agradeço sem palavras à minha família que proveu condições e suporte incondicional nos momentos de maior loucura.

Agradeço ainda às instituições que contribuíram com a realização dessa formação, a saber: à Prefeitura Municipal de Belterra por me ceder de seu quadro de servidores; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES, pela concessão de bolsa de estudos; e à Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA por oportunizar condições de me encontrar cientificamente. Sem esses apoios não teria sido possível realizar este curso do modo e com a qualidade que foi.

E por último, agradeço à Fonte Universal do Ser pela energia amorosa com que me magnetizou de volta à academia para o fechamento de importantes ciclos em minha existência.

“Assim como a natureza tem dinâmica própria para se manter viva, a alma precisa estar sempre criando novidade para permanecer acesa. Aceitar novos paradigmas é vencer o sentimento de imobilidade, abrir o intelecto sem medo e deixar a transformação acontecer com entusiasmo contagiante. Isto é ser dinâmico. Se tudo ao nosso redor está mudando, por que deveríamos deter nosso processo de crescimento?”

Brahma Kumaris

RESUMO

Os quintais são complexos sistemas de produção de insumos alimentares, espalhados ao longo das regiões de clima tropical e subtropical, nos quais existem modos de vida específicos que resistem à amnésia biocultural da modernidade e conservam seu sistema tradicional de conhecimento. Também detêm um grande potencial como meio promotor da melhoria na qualidade de vida de seus usuários e vizinhança, seja no campo ou na cidade, que carece de pesquisas científicas. Dessa forma, esta dissertação objetivou investigar as bases teóricas relacionadas à complexidade desses agroecossistemas e a relação, os mecanismos de perpetuação do conhecimento sobre os quintais e a qualidade de vida e bem-estar subjetivo. Encontrou-se que há uma relação intrínseca entre memórias cultural e biocultural, o bem-estar subjetivo e qualidade de vida, que possibilita identificar os elementos que exercem influência sobre o sujeito e sobre o seu modo de vida. Em agroecossistemas de quintais, ainda há carência de estudos sobre etnoecologia, vinculação afetiva e qualidade de vida. Vale destacar o acúmulo de conhecimento, a partir da primeira década do século XXI, principalmente na área de ciências de plantas. Porém, ainda há a necessidade de se investir em pesquisas científicas que adotem abordagens integrativas e interdisciplinares, visando a proposição de políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento das cidades e melhoria das condições de vida da população a partir desse sistema de produção.

Palavras-chave: Agrobiodiversidade. Etnoecologia. Vinculação Afetiva. Qualidade de Vida. Memória biocultural.

ABSTRACT

The homegardens are complex systems of production of food inputs, spread along the regions of tropical and subtropical climate, in which there are specific ways of life that resist the amnesia biocultural of the modernity and preserve his traditional knowledge system. Also they detain a potential great one as half a promoter of the improvement in the capacity of life of his users and neighborhood, be in the field or in the city, that it lacks for scientific inquiries. In this form, this dissertation aimed to investigate the theoretical bases made a list to the complexity of these agroecosistemas and the relation, the mechanisms of perpetuation of the knowledge on homegardens and the quality of life and subjective well-being. The research has found a cultural intrinsic relation between memories and biocultural, the subjective well-being and quality of life, which makes possible to identify the elements that practise influence on the subject and on his way of life. In homegardens agroecosystems there is still a lack of studies on ethnoecology, place attachment and quality of life. It is worth detaching the knowledge accumulation, from the first decade of the century XXI, mainly in the area of sciences of plants. However, one is still the need for invest in scientific inquiries that adopt integrated and interdisciplinary approaches, aiming at the proposition of public policies to the development of the cities and improvement of the conditions of life of the population from this production system.

Keywords: Agrobiodiversity. ethnoecology. place attachment. quality of life. biocultural memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – Memória (Bio)Cultural.....	12
CAPÍTULO II – Etnoecologia, Vinculação Afetiva e Qualidade de Vida em Quintais.....	28
CAPÍTULO III – Quintais e Qualidade de Vida	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS.....	64

INTRODUÇÃO

Os quintais são complexos sistemas de produção de insumos alimentares, espalhados ao longo das regiões de clima tropical, nos quais se encerram modos de vida específicos que resistem à amnésia biocultural da modernidade e conservam seu sistema tradicional de conhecimentos.

Para Kunhamu (2013), por seu caráter multiespecífico e multidimensional, com múltiplas saídas, que provavelmente evoluíram ao longo de séculos de transformações culturais e biológicas através de gerações de inovação e experimentação, os quintais desempenham papéis multifuncionais importantes na manutenção da diversidade biológica de espécies nativas e exóticas; na subsistência de seus usuários; na promoção da segurança alimentar de milhões de pessoas nos trópicos; no fornecimento de muitos serviços ecossistêmicos vistos como os principais impulsionadores da sua sustentabilidade; e na melhoria da qualidade de vida e bem-estar econômico e social das pessoas (KUNHAMU, 2013).

Em função disso, este agroecossistema tem sido alvo de diversos estudos científicos que visam, principalmente, conhecer sua agrobiodiversidade, os modelos de produção agrossilvipastoril adotados e os serviços ambientais a ele associados. Os quintais representam, portanto, um campo de estudo profícuo para a pesquisa interdisciplinar, porém permanecem pouco explorados em alguns seguimentos, sendo que os fundamentos científicos que sustentam o uso e a disseminação desse agroecossistema ao longo do tempo permanecem um mistério (KUNHAMU, 2013).

De fato, há uma gama de conhecimentos tradicionais ainda pouco pesquisada que é historicamente acumulada nesses sistemas, representando um repositório expressivo de memória biocultural que precisa ser melhor compreendido (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Além disso, eles também detêm um grande potencial como meio promotor da melhoria na qualidade de vida de seus usuários e populações circunvizinhas, seja no campo ou na cidade, que carece de pesquisas científicas.

Dessa forma, esta dissertação objetiva investigar as bases teóricas capazes de dar conta de entender a complexidade desses agroecossistemas e a relação dos mecanismos coletivos de perpetuação do conhecimento acumulados nos quintais com estudos de qualidade de vida e bem-estar subjetivo, visando: levantar o estado da arte da pesquisa sobre quintais e

qualidade de vida e estabelecer um diálogo entre esses dois campos de estudo, capaz de embasar teoricamente pesquisas futuras.

Esta dissertação está organizada na forma de capítulos, os quais estão formatados na forma de artigos. O primeiro artigo se refere a um ensaio crítico que visou compreender a relação entre os conceitos de memórias cultural e biocultural com estudos de qualidade de vida e bem-estar subjetivo. O segundo trata-se de uma revisão narrativa da literatura construída a partir de diferentes visões sobre a relação homem-natureza em sistemas de quintais agroflorestais. O terceiro e último artigo compõe um estudo cientométrico realizado por meio da *Web Of Sciences* sobre *homegardens* e qualidade de vida no período de 1987 à 2017.

CAPÍTULO I – Memória (Bio)Cultural

INFLUÊNCIA DA MEMÓRIA (BIO)CULTURAL SOBRE A AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR SUBJETIVO E DA QUALIDADE DE VIDA

FLORES, Bruno Calzavara; ALVES, Helionora da Silva; VIEIRA, Thiago Almeida

RESUMO: Os conceitos de memória cultural e biocultural são noções interdisciplinares, complexas e jovens de se lembrar, cujos corpos teóricos conformam dimensões, níveis e modos próprios de análise. Considerando seu caráter imaterial, elas carregam informações capazes de fortalecer o vínculo identitário de um indivíduo, sendo transmitidas através do tempo de forma intergeracional. Portanto, este ensaio científico se propõe a analisar o papel da memória cultural e biocultural na avaliação da qualidade de vida e do bem-estar subjetivo, buscando entender a importância e a complexidade de se considerar aspectos culturais nessas avaliações e em particular na escolha de métodos capazes de identificá-los. Entendeu-se que a partir delas é possível conhecer o universo simbólico gerador de estímulos que podem afetar positiva ou negativamente a forma com que se avalia bem-estar subjetivo e, conseqüentemente, qualidade de vida. Além disso, sugere-se a etnoecologia, enquanto uma etnografia de saberes, técnicas e práticas, como uma abordagem metodológica interdisciplinar capaz de contribuir no conhecimento das atividades, práticas e ações socioculturais que formam a memória coletiva de um grupo.

Palavras-Chave: Ensaio científico. Patrimônio biocultural. Etnoecologia.

THE INFLUENCE OF (BIO)CULTURAL MEMORY ON THE ASSESSMENT OF SUBJECTIVE WELL-BEING AND THE QUALITY OF LIFE

ABSTRACT: The concepts of cultural and biocultural memory are interdisciplinary notions, complex and young to remember, whose theoretical bodies conform dimensions, levels and modes of analysis. Considering their immaterial character, they carry information capable of strengthening the identity bond of an individual, being transmitted through time intergenerationally. Therefore, this scientific essay proposes to analyze the role of cultural and biocultural memory in the assessment of quality of life and subjective well-being, seeking to understand the importance and complexity of considering cultural aspects in these evaluations and in particular in the choice of methods able to identify them. It was understood that from them it is possible to know the symbolic universe generating stimuli that can positively or negatively affect the way in which subjective well-being and, consequently, quality of life are evaluated. In addition, ethnoecology is suggested, as an ethnography of knowledge, techniques and practices, as an interdisciplinary methodological approach capable of contributing to the knowledge of sociocultural activities, practices and actions that form the collective memory of a group.

Keywords: Science essay. Biocultural heritage. Ethnoecology.

INTRODUÇÃO

Memória cultural é um conceito guarda-chuva emergente que considera lembranças institucionalizadas, amparadas em elementos simbólicos, que transcendem o espaço e o tempo por seu caráter coletivo, imaterial e identitário (ASSMANN, 2011). Seu estudo representa um fenômeno transdisciplinar que a partir do final da década de 1990 vêm sendo largamente explorado pela pesquisa interdisciplinar como um campo profícuo em diversas áreas do conhecimento, aproximando as ciências naturais, humanas e sociais (ERLL, 2008).

Uma característica fundamental do conceito se refere à sua espacialidade, que pode ser “explorada através das práticas, atividades e ações socioculturais que simbolicamente reforçam ou desafiam as memórias coletivas inerentes em paisagens físicas, práticas que frequentemente fornecem os principais vínculos emocionais que ligam as comunidades aos seus ambientes” (MEUSBURGER; HEFFERNAN; WUNDER, 2011, p. 4).

Na medida em que seus meios de transmissão, práticas e estruturas são tão diversos quanto as configurações do conhecimento cultural, por exemplo, sua amplitude abarca uma extensão considerável de questões (ERLL, 2008). Dentre elas, o conhecimento sobre a natureza se destaca como uma importante dimensão da expressão de uma cultura, pois sintetiza observações construídas, mantidas e lapidadas historicamente sobre o meio ambiente que a envolve (TOOLEDO; BASSOLS, 2008).

Assim, ao se debruçar sobre as questões levantadas pela memória cultural, e direcioná-las para grupos sociais específicos, como o de agricultores tradicionais, por exemplo, pode-se buscar por novas teorizações que direcionem seus pressupostos em categorias de análise diferentes. A exemplo disso, se apresenta a noção de memória biocultural de Toledo e Barrera-Bassols (2008), entendida como o componente cognitivo, que ainda é pouco pesquisado, da memória da espécie, o qual revela como as sociedades foram se apoderando de seus habitats e se diferenciando a partir de interações com a diversificação biológica agrícola e paisagística. Segundo os autores, estudá-la significa mergulhar nessa ampla e complexa rede de saberes locais, buscando compreender e identificar eventos que influenciaram na formação de modos de vida distintos através da história ambiental da humanidade.

Entende-se que esse processo determina aspectos importantes da qualidade de vida e do bem-estar subjetivo (Subjective Well-Being – SWB) em uma sociedade, e em

particular em sociedades tradicionais, na medida em que cada cultura pode apresentar valores distintos que podem influenciar em diferentes níveis de satisfação em variáveis amplamente reconhecidas por esses construtos (TOV; DIENER, 2007). Para esses autores, devem ser consideradas “questões relativas à universalidade das emoções e como a representação das emoções na memória são influenciadas pelas normas culturais”, pois as formas de socialização de afetos agradáveis e desagradáveis e seus efeitos no reforço de valores e práticas culturais podem diferir em função de cada cultura.

Portanto, espera-se responder as seguintes questões: Como a memória (bio)cultural pode influenciar no bem-estar subjetivo e na qualidade de vida de agricultores? Como avaliar essa relação? Objetiva-se produzir um ensaio científico que analise o papel da memória cultural e biocultural na avaliação da qualidade de vida e do bem-estar subjetivo, buscando entender a importância e a complexidade de se considerar aspectos culturais nessas avaliações e em particular na escolha de métodos capazes de identificá-los. Este layout foi escolhido por se tratar de uma pergunta teórica ainda sem resposta ou discussão específica sobre os temas que aborda.

OS ASPECTOS CONCEITUAIS DA MEMÓRIA CULTURAL

O termo memória cultural representa a junção de duas unidades teóricas distintas que relacionadas contemplam tanto a conexão com a memória quanto aos contextos socioculturais. A fim de estabelecer suas bases conceituais como um campo de estudo, Erll (2008) as caracterizou a partir de três unidades da memória cultural:

Dimensões: entende-se por cultura, amparada na tradição alemã e na antropologia, como “o modo de vida específico de uma comunidade, conduzida por meio de suas redes autorreguladas de significado”. Sua estrutura é composta por dimensões sociais, materiais e mentais que envolvem pessoas, instituições e relações sociais; artefatos e meios de comunicação; mentalidades e formas de pensamento culturalmente definidas, respectivamente. Já o aspecto da memória envolve as memórias social, comunicativa e cognitiva na criação de lembranças culturais, transpondo barreiras disciplinares.

Níveis: há uma dualidade intrínseca em constante inter-relação entre memória e cultura que se manifesta em níveis individuais e coletivos. Individualmente a memória se detém numa perspectiva biológico/cognitiva, mas alimentada por estímulos externos em

diferentes contextos socioculturais coletivos, onde “adquirimos esquemas que nos ajudam a recordar o passado e a codificar novas experiências”. Coletivamente “refere-se à ordem simbólica, meios de comunicação, instituições e práticas pelas quais os grupos sociais constroem um passado compartilhado”. Esses elementos por si só não possuem memória, no sentido literal do termo, mas carregam informações e estímulos que, quando compartilhados, remetem a lembranças coletivas. Assim, há uma íntima relação entre tempo, identidade e memória que se manifesta nesse conceito a nível individual, social e cultural, abrindo “caminho para estudar estes processos a nível coletivo”.

Modos: existe uma oposição clássica entre história e memória que as entendem como meios distintos e conflitantes das representações culturais do passado. No entanto, na visão multifacetada da memória cultural essa noção precisa ser dissolvida numa postura de complementaridade, valorizando a qualidade e significado de diferentes percepções do passado, tanto do que é lembrado quanto do como.

Podem-se citar alguns estudos de caso que estudaram a memória cultural de forma empírica. Essas pesquisas trabalham os aspectos teóricos observados sobre o tema em diferentes contextos socioespaciais. A seguir serão citados três estudos que abordam, respectivamente, as dimensões, os níveis e os modos de lembrar em que se baseia a memória cultural.

Ao estudar o conflito na Irlanda do norte sob a perspectiva de recordações culturais contestadas, Graham (2011, p. 88) argumenta a necessidade de se estudar a guerra civil irlandesa a partir de “uma narrativa de memória pós-conflito que sustente um novo presente”, considerando uma compreensão muito mais dinâmica de identidade e sua relação com o espaço e o lugar, entendendo-os através de suas práticas e relações sociais. Ele explica que:

As funções do espaço se relacionam com fatores como controle, manipulação e influência sobre atividades de indivíduos e sistemas sociais; um meio de perceber e exibir a diferença; um nexos de rituais e cerimônias; o reconhecimento, a prática e a memória das estruturas sociais; e o ambiente construído como um meio de comunicação de normas culturais, identidades, memórias e valores. O lugar (dentro do espaço) não é meramente físico, mas primeiramente simbólico, como na maneira que os ambientes construídos estabilizam a vida social dando a forma material ao intangível (GRAHAM, 2011, p. 88-89).

A partir disso, depreende-se a importância de se considerar a espacialidade da memória cultural em diferentes lócus de pesquisa, por ser palco onde as dimensões materiais,

sociais e mentais tomam forma física e simbólica e se perpetuam e se modificam através do tempo. Assim, estudar o espaço e o lugar significa rastrear as lembranças de um passado que se mantém no presente e pode influenciar no futuro.

Wets (2011), ao pesquisar a importância que diferentes tipos de conhecimentos, recordações e memórias têm para a construção e ancoragem da cultura e identidade cultural do povo cigano, afirma que a conexão entre esses elementos estabelece uma relação de pertencimento, composta por uma identidade individual e outra coletiva, que estão em constante inter-relação e se fixam na memória coletiva. Atualmente, já é aceito que essa memória é bimodal, composta pelas memórias comunicativa e cultural (ASSMANN, 2011). Porém, aqui se considera o campo de atuação do que se entende hoje por memória comunicativa como uma das dimensões da memória cultural.

Considerando que, em memória comunicativa, recordação coletiva significa compartilhar experiências comuns da geração em contato pessoal, recolhimento coletivo de memória cultural está ligado a instituições, tais como normas e valores comuns, e refere-se a itens canonizados que são fixados por procedimento ou materialização e, assim, operam de cima para baixo (WETS, 2011, p. 104).

Esse recolhimento coletivo se perpetua por meio de ambos os níveis de análise da memória cultural, assim como a recordação coletiva da memória comunicativa. Isso porque, para a memória coletiva, a identidade se estabelece tanto por estímulos do nível individual, como do coletivo, conduzindo a um senso de comunidade que define nos quadros de referência do espaço, tempo e grupo por meio de um processo de reconstrução.

Kreis (2011), ao estudar as origens, o status no campo de estudo da memória cultural e os elementos em mudança no mito suíço Rütli, encontrou dois modos distintos de recordar esse monumento da liberdade nacional: um através das recentes transmissões orais, escritas e gráficas do conto sobre Rütli; e outro através das narrativas que contam seu início. Na visão da memória cultural as informações que cada modo de lembrar-se de um evento assume não devem ser vistas como opostas e sim como complementares. Tal como adota o autor, analisando a origem de Rütli de ambos os ângulos para apreender sua visão mais ampla possível, inclusive captando suas mudanças ao longo do tempo.

Dessa forma, entende-se que o que se é lembrado em memória cultural perpassa pelas dimensões social, material (ou comunicativa) e mental (ou cognitiva), a partir de elementos nos níveis individual e coletivo, de modo a valorizar diferentes olhares sobre o passado. Deve-se considerar ainda que, apesar de sua amplitude conceitual, ela não é a única

expressão da memória coletiva de um grupo social, havendo a proposta de divisão na forma cultural e comunicativa.

O conceito de memória biocultural, apesar de personificar essas bases teóricas de forma específica, pode ser utilizado para explicar a construção de modos de vida de seguimentos sociais tradicionais, cujo histórico de relação com a natureza e, portanto, com a sua espacialidade, está baseado em formas de manejo não industriais e formas de conhecimento não científico que remontam um passado muito distante (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2008). A discussão a seguir buscar assentar as bases teóricas da memória biocultural, pautada no questionamento: Qual o paralelo entre os pressupostos teóricos da memória cultural e biocultural no entendimento do passado, presente e projeção do futuro?

MEMÓRIA BIOCULTURAL

Assim como os indivíduos e as sociedades possuem memória, o ser humano enquanto espécie biológica também possui uma rede de conhecimentos que lhe proveu condições de se estabelecer sobre a terra, adaptando a natureza ao seu redor para garantir sua sobrevivência. Esse processo se perpetuou ao longo da história ambiental da humanidade, gerando a diversidade cultural, econômica, tecnológica e mesmo civilizatória das populações humanas (DRUMMOD, 1999). Pode-se dizer que enquanto a memória cultural se debruça em estudar os eventos que marcaram e definiram culturas e sociedades inteiras, a memória biocultural se propõe a rastrear as circunstâncias em que os conhecimentos tradicionais se formaram. Esse conceito criado por Toledo e Barrera-Bassols (2008), pode ser teorizado em analogia à memória cultural da seguinte forma:

Dimensões: a modernidade se alimenta da ideia de progresso e desenvolvimento, negando uma consciência de espécie de caráter histórico que está fundamentada na característica da diversidade. Essa diversidade assume diferentes formas que se inter-relacionam e compõe o complexo biológico-cultural, produto histórico de milhares de anos de interação entre as culturas e os ambientes naturais. Para a memória biocultural as dimensões que detém informações-chave sobre esse processo são os campos de diversidade biológica (expressa nos níveis das paisagens naturais, dos habitats, das espécies e dos genomas) e cultural (inclui as modalidades genética, linguística e cognitiva) que juntas dão origem às

diversidades agrícola e paisagística. No entanto, atualmente a pesquisa científica tem avançado mais em alguns aspectos, definindo as dimensões práticas do conceito nos centros de diversidade biológica, linguística e agrícola, cujas áreas de confluência são habitadas por sociedades tradicionais que resistem ao processo de modernização e detém esse tipo de memória.

Níveis: a história da terra é preenchida pelo processo de diversificação que, por sua vez, é produzido em diferentes escalas, ritmos e períodos de tempo. Assim, a profunda relação entre as aqui chamadas de dimensões da memória biocultural, investigada pelas ciências sociais e naturais, se manifesta em várias escalas, do global ao local, mas sempre em regiões do planeta em que predominam populações rurais de agricultores que mantêm sistemas de produção de base familiar e de pequeno porte. Ao estudar os modos de vida dessas populações, pode-se facilmente relacionar seu papel para a manutenção da biodiversidade e do sistema de conhecimentos que as mantêm em nível local. Porém, ao adotar um escala global de análise sobre o papel dos povos tradicionais para a sobrevivência da espécie humana, explora-se o valor da memória biocultural numa outra perspectiva, na medida em que esses grupos sociais provêm importantes serviços ecossistêmicos, além de grande volume de recursos naturais, alimentícios e produtivos a nível global.

Modos: existem basicamente duas formas de relacionamento com a natureza, uma ancorada no aspecto histórico, baseada no conhecer por descrição, e outra no aspecto abstrato, baseada no saber por familiaridade. Em essência são duas formas distintas de ver o mundo, apreender sua complexidade e captar informações-chave que determinarão a experiência humana na terra. Por estar ligada aos saberes locais tradicionais, pode-se dizer que o conceito de memória biocultural se aproxima mais da noção de sabedoria, porém enquanto teoria não se pode desassociá-la do conhecimento científico. Portanto, essas duas visões podem ser vistas como aliadas quando se trata de entender a lógica de funcionamento de modos de vida distintos que, para serem preservados, precisam também da instrumentalização científica que pode proporcionar não só o registro, como a disseminação de conhecimentos em risco de extinção.

Heller (2001)² argumenta que esse processo de desaparecimento está intimamente relacionado à memória cultural, pois cada geração converte constantemente o passado em presente ao reproduzir as objetivações de sua memória. Logo, entende-se que quando esse processo é interrompido parte daquele passado deixa de existir. Em sua visão:

A memória cultural é composta de objetivações que fornecem significados de forma concentrada, significados compartilhados por um grupo de pessoas que os dão como garantidos. (...) Sempre que a memória cultural cai no esquecimento, um grupo de pessoas desaparece, independentemente de a circunstância estar registrada ou não nos livros de história. A presença ou ausência, a vida ou a decadência de um povo não depende da sobrevivência biológica de um grupo étnico, mas da sobrevivência da memória cultural compartilhada (HELLER, 2001, p. 139-140).

Assmann (2011), ao discutir a possibilidade de desaparecimento de memórias, argumenta que, como há diferentes modos de lembrar, definidos culturalmente, isso só ocorre quando há o descrédito de algumas formas de recordar. Toledo e Barrera-Bassols (2008), ao propor o conceito de memória biocultural, contextualizam essa noção de desaparecimento ao abordar a ideia de amnésia biocultural, referindo-se aos efeitos da modernidade agrícola que nega a relevância da produção local de conhecimentos por agricultores, promovendo um verdadeiro “memoricídio cultural” ao perpetuar mecanismos de erosão e supressão das diversidades, nas quais se enraízam os conhecimentos tradicionais. Pra eles:

A memória é o recurso primordial, impostergável e insubstituível de toda consciência histórica. (...) Uma consciência histórica de espécie ajudará a superar inúmeros conflitos, preconceitos, mal-entendidos, falsas expectativas, vazios, turbulências ideológicas, dogmas religiosos e instintos destrutivos gerados pelo fenômeno humano. Reconhecer e recuperar a memória biocultural da humanidade é uma tarefa essencial, necessária, urgente e obrigatória. Isso permitirá a visualização, construção e a realização de uma modernidade alternativa (...) que não destrua a tradição, mas que conviva, coopere e coevolua com ela (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 257).

É sob este pano de fundo teórico que este ensaio se propõe a entender como as avaliações de bem-estar subjetivo e qualidade de vida de agricultores (tradicionais e não tradicionais) podem ser afetadas por valores transmitidos através da memória cultural e biocultural. Para tanto, o próximo tópico se dedica a resgatar as influências da memória e da cultura nesses construtos, buscando aproximar a reflexão da memória cultural sobre eles.

CULTURA E MEMÓRIA EM AVALIAÇÕES DE BEM-ESTAR SUBJETIVO E QUALIDADE DE VIDA

Diener e Suh (2000), partindo da ideia de que é possível estudar empiricamente qualidade de vida e fazer comparações do SWB das sociedades, problematizam essa questão a

partir da noção da dependência de valores culturais em avaliações de qualidade de vida, pois ao acessar diferentes configurações de valores, os grupos sociais tendem a considerar diferentes critérios relevantes ao avaliar o sucesso das sociedades que compõem. Em função disso, para eles ainda não é possível fazer comparações dos níveis de qualidade de vida entre diferentes sociedades, mas pode-se afirmar qual sociedade possui pessoas que avaliam suas vidas de forma mais positiva, portanto, com maior bem-estar subjetivo do que outra.

Essa ideia de relativismo cultural proposta pelos autores conduz à necessidade de se conhecer e considerar os padrões internos de determinado grupo social nas avaliações desses conceitos. Como SWB pode representar o nível que as pessoas estão alcançando de seu próprio sistema de valores, é provável que as medidas de bem-estar subjetivo, em algum nível, representem uma avaliação de suas culturas a partir de uma perspectiva interna, mas também representa o quanto elas estão vivendo de acordo com suas necessidades humanas, imperativas e evolucionárias (DIENER; SUH, 2000).

No entanto, um problema apontado pelos autores desse relativismo cultural é que qualquer resultado pode ser tão bom quanto outro. Segundo Diener e Suh (2000), uma sociedade vista como doente por manter hábitos e comportamentos questionáveis pode considerar ter uma boa vida, assim como outra sociedade que não tenha o mesmo modo de vida, o que não quer dizer que todos os arranjos institucionais dessas sociedades são bons.

Para Tov e Diener (2007), as diferenças entre as culturas afetam a padronização e o conteúdo de variáveis de SWB, bem como em suas causas e correlações, mas que comparações orientadas nessas diferenças são possíveis em algumas variáveis entendidas como universais. Por essa razão, há a necessidade de se estabelecer critérios mínimos no qual uma sociedade possa ser avaliada. Edgerton (1992)₂ sugere critérios que levem ao discutido mito da harmonia primitiva, indicando os âmbitos da saúde humana e felicidade como relevantes nessa análise. Diener e Suh (2000)₂ concordam com essa visão, mas acrescentam critérios mais amplos como o bem-estar do planeta e a felicidade das pessoas em outras comunidades (DIENER; SUH, 2000). Porém, é preciso ainda considerar outra questão:

Por exemplo, algumas emoções podem ser compreendidas similarmente através das culturas, enquanto outras têm significados conotativos diferentes. Comparações diretas, então, devem ser feitas com o primeiro e não o último. Mesmo quando os componentes SWB são diferentes, as culturas podem ser comparadas de acordo com seus próprios critérios, medindo a realização de metas e experiências culturalmente valorizadas (TOV; DIENER, 2007, p. 708-709).

Percebe-se que, nas últimas décadas, se avançou na compreensão do efeito da cultura sobre avaliações de bem-estar subjetivo e, conseqüentemente, de qualidade de vida (DIENER et al., 1995; SUH et al., 1998; DIENER et al., 2000; THEUNS et al., 2012). Da mesma forma, houve várias tentativas de revelar os processos cognitivos de pessoas felizes, mas poucos examinaram como as pessoas pensam sobre a felicidade e o que associam a ela. (KOO; OISHI, 2009).

Sabe-se, no entanto, que a frequência com que os indivíduos pensam e vivenciam eventos positivos influencia na sua capacidade de lembrá-los, pois “indivíduos felizes podem lembrar mais eventos positivos e menos negativos”, assim como o contrário também é verdadeiro (GIACOMONI, 2004; SEIDLITZ; DIENER, 1993). Portanto, subentende-se que memórias positivas acompanham alta experiência subjetiva de qualidade de vida (KOUKKOU et al., 2015).

Kim et al. (2012), encontraram implicações importantes para entender como diferenças culturais influenciam na importância que os indivíduos atribuem às avaliações do passado ao julgar a satisfação com a vida atual. Os autores perceberam que eventos passados agradáveis e desagradáveis podem ter efeitos persistentes mais fortes no SWB de determinado grupo sociocultural, enquanto outro grupo pode tender a desconectar o eu passado das avaliações de suas vidas atuais ou acessar seletivamente memórias positivas do eu passado para melhorar as avaliações do presente eu.

Entende-se que esse é um terreno cuja plasticidade está sendo conformada, ora pela pesquisa em cultura, ora pelas recentes pesquisas em memória e pelos teóricos que se dedicam ao estudo de bem-estar subjetivo e qualidade de vida. Refletir sobre a relação entre esses campos não é tarefa fácil, mas é possível a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Um estudo aprofundado das dimensões sobre as quais a memória cultural atua pode resultar em percepções socioespaciais complexas que indubitavelmente afetam a capacidade de um indivíduo em acessar lembranças que irão gerar e/ou alimentar respostas específicas. Tam et al. (2012), apontaram que sugestões contextuais sutis, como a presença de símbolos carregados de cultura, podem afetar a forma como se avalia SWB. Portanto, o universo simbólico no qual um indivíduo está inserido é responsável por acionar memórias que podem afetar positiva ou negativamente a forma como ele avalia seu bem estar e, conseqüentemente, sua qualidade de vida.

Considerando que essas memórias são imateriais e carregadas de informações que fortalecem o vínculo identitário de um indivíduo, as respostas advindas desses estímulos serão perpetuadas e transmitidas indiretamente através do tempo, de geração a geração. Logo, as atividades, práticas e ações socioculturais formarão uma memória coletiva que continuamente estará afetando a forma como um determinado grupo social experimentará os eventos, refletindo-se no bem-estar subjetivo desse grupo. Analogamente, em se tratando de sociedades tradicionais, entende-se que a diversidade biológica, linguística e agrícola representa um verdadeiro repositório de estímulos que irão afetar o SWB e a qualidade de vida dessas sociedades.

Portanto, entende-se que é fundamental conhecer as dimensões da memória (bio)cultural em profundidade, considerando seus diferentes níveis e modos de lembrar, para que se possa compreender os efeitos dessas memórias sobre as avaliações desses construtos. Porém, vale considerar ainda que:

(...) estamos entrando em uma época em que a pesquisa tratará a cultura como mais dinâmica, e os indivíduos como portadores de mais de uma tradição cultural. Estas questões continuarão a exigir estratégias multimedida e, esperançosamente, estimular o desenvolvimento de novas metodologias. A este respeito, os progressos nas diversas áreas da psicologia cultural e da SWB, bem como um trabalho mais interdisciplinar com as outras ciências sociais e biológicas beneficiarão muito as duas perspectivas (TOV; DIENER, 2007, p. 709).

Esses desafios implicam na necessidade de se adotar ou criar abordagens metodológicas que considerem a complexidade dos cenários estudados e, principalmente, busquem contornar questões que ainda encobrem um entendimento mais amplo sobre o papel da memória cultural e biocultural em estudos sobre qualidade de vida e bem-estar subjetivo.

Em função de sua complexidade, não existe um único modelo metodológico capaz de apreender as ações, os valores e significados da memória bio(cultural) e relacioná-los com qualidade de vida e bem-estar subjetivo. Mas é preciso pensar em abordagens amplas e aglutinadoras de conceitos, práticas e epistemologias. Lentes por meio das quais seja possível observar o universo de sentido pesquisado, identificando elementos e compreendendo as relações empreendidas nas diferentes dimensões teóricas dessas memórias, abordadas em níveis e modos distintos.

ABORDAGEM ETNOECOLÓGICA COMO UMA ETNOGRAFIA DE SABERES, TÉCNICAS E PRÁTICAS

Sabe-se que abordagens condizentes com os estudos das etnociências se destacam pela capacidade de considerar o universo simbólico no qual e pelo qual sociedades tradicionais, por exemplo, perpetuam seus modos de vida através do tempo (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Para isso, faz-se necessário o descondicional do olhar do pesquisador a partir dos “*sistemas classificatórios acadêmicos na compreensão de saberes e técnicas elaborados pelos seres humanos na relação com o ambiente em diferentes culturas*”, buscando estabelecer uma relação simétrica e dialógica que permita alcançar o conhecimento de outro saber, a partir da consciência da diferença entre saberes e leituras de situações e contextos socioculturais (D’OLNE CAMPOS, 2002, p. 63).

Assim, adota-se uma noção operatória de etnociência – como uma etnografia da ciência do outro a partir do referencial da academia – a qual engloba diversas subdisciplinas (etno-x) que se dedicam ao estudo dos sistemas locais de conhecimento e processos cognitivos construídos a partir da complexa relação entre pessoas e o ambiente, pois:

Se o ser humano é único nos processos mentais e extremamente diverso nos seus produtos, devemos nos aproximar da realidade sociocultural do outro com nossos processos mentais comuns para entender seu produto sociocultural, sempre diverso do nosso. Dessa forma – para dar mais consciência à relação entre coisas e conceitos por um lado, e palavras por outro – nossa presença etnográfica no campo, quando munidos de umas etno-x, seria estrategicamente ‘desarmada’ no território do outro por uma adoção de uma ‘etnografia de saberes, técnicas e práticas. (D’OLNE CAMPOS, 2002, p. 48).

Para Toledo e Barrera-Bassols (2015), esse processo se dá a partir de aspectos inseparáveis de natureza, cultura e produção, a qual se baseia na inter-relação entre crenças (kosmos), pelo sistema de conhecimentos (corpus) e pelo conjunto de práticas produtivas (práxis), objeto central da etnoecologia. Portanto, ela se ocupa das condições materiais, históricas, políticas, simbólicas e/ou cognitivas, “*nas quais os processos de aquisição e de transformação do conhecimento estão inseridos*” (PRADO; MURRIETA, 2015, p. 147).

Assim, entende-se que:

Essa disciplina propõe um novo paradigma científico que se fundamenta na multiculturalidade; (...) propõe estudar a integração do complexo kosmos-corpus-práxis dentro dos processos de produção nas diversas escalas, assim como compreender a realidade local por meio do estudo das dinâmicas, representações, rituais e simbolismos dos fatores naturais. (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 142-143).

Ainda segundo os autores, ao buscar compreender a realidade local nessas bases, é possível entender as relações que se estabelecem entre a interpretação (ou a leitura), a imagem (ou representação) e o uso ou manejo da natureza e de seus processos. Portanto, é possível afirmar que ao adotar uma postura dialógica e sensível ao universo de sentido do participante da pesquisa, a etnoecologia – enquanto uma etnografia de saberes, técnicas e práticas – mostra-se como uma poderosa ferramenta para captação das dimensões da memória (bio)cultural.

Além disso, sabe-se que abordagens qualitativas baseadas em métodos etnográficos, pesquisas participativas e métodos mistos, figuram como instrumentos capazes de acessar as experiências mais profundas dos sujeitos pesquisados, com grande potencial no estudo de bem-estar subjetivo (CAMFIELD et al., 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar memória cultural perpassa pelas dimensões social, material e mental, a partir de elementos nos níveis individual e coletivo, de modo a valorizar diferentes olhares sobre o passado. Ao passo que estudos sobre memória biocultural se baseiam nos centros de diversidade biológica, linguística e agrícola, em níveis local e global, valorizando diferentes formas de relacionamento com a natureza.

A partir dessas bases, conhecer o universo simbólico no qual um indivíduo está inserido significa compreender os estímulos disponíveis capazes de acionar memórias que podem afetar positiva ou negativamente a forma como ele avalia seu bem estar e, conseqüentemente, sua qualidade de vida. Considerando que essas memórias são imateriais e carregadas de informações que fortalecem o vínculo identitário de um indivíduo, as respostas advindas desses estímulos serão perpetuadas e transmitidas indiretamente através do tempo, de geração a geração.

Dessa forma, entende-se que as pesquisas que visem estudar as memórias cultural e biocultural de agricultores tradicionais podem ser fundamentais em avaliações sobre o SWB desses sujeitos e, conseqüentemente, sobre avaliações de sua qualidade de vida, na medida em que mergulha no seu universo de sentido para apreender os elementos que exercem influência

sobre eles e sobre os quais nutrem vínculo identitário determinante de modos de vida específicos.

A etnoecologia, enquanto uma etnografia de saberes, técnicas e práticas, desponta como uma abordagem metodológica interdisciplinar capaz de contribuir no conhecimento das atividades, práticas e ações socioculturais que formam a memória coletiva de um grupo, embora não possa ser considerada a única abordagem com essa capacidade.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, J. Communicative and Cultural Memory. In Meusburger P., Heffernan M., Wunder E. (eds) **Cultural Memories**. Knowledge and Space (Klaus Tschira Symposia), vol 4. Springer, Dordrecht, 2011.

CAMFIELD, L.; CRIVELLO, G.; WOODHEAD, M. Wellbeing Research in Developing Countries: Reviewing the Role of Qualitative Methods. **Social Indicators Research**. 90, 2009.

DIENER, E.; GOHM, C. L.; SUH, E.; OISHI, S. Similarity of the relations between marital status and subjective well-being across cultures. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, 31(4), 419–436, 2000.

DIENER, E.; SUH, E. M. Measuring subjective well-being to compare the quality of life of cultures. In: DIENER, E.; SUH, E. M. (Eds.) **Culture and subjective well-being** (pp. 3-12). Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

DIENER, E.; DIENER, M.; DIENER, C. Factors predicting the subjective well-being of nations. **Journal of Personality and Social Psychology**, 69, 851–864, 1995.

DRUMMOD, J. A. A história ambiental e o choque das civilizações. **Ambient. soc.** n.5 Campinas jul./dez, 1999.

D'OLNE CAMPOS, M. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: Amorozo, M. C. M., Ming, L. C. & Silva, S. P. (Orgs.). **Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPq, p. 47-91, 2002.

EDGERTON, R. B. **Sick societies: Challenging the Myth of Primitive Harmony**. New York: Free Press, 1992.

ERLL, A. Cultural Memory Studies: An Introduction. In Astrid Erll, Ansgar Nünning (Hg.), **Cultural Memory Studies**. An International and Interdisciplinary Handbook, Berlin, New York, 2008.

GIACOMONI, C. H. Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 43-50, jun, 2004.

HELLER, A. Cultural Memory, Identity and Civil Society. **Internationale Politik und Gesellschaft**. 2: 139-143, 2001.

KIM, Y. H.; CAI, H.; GILLILAND, M.; CHIU, C. Y.; XIA, S.; TAM, K. P. Standing in the Glory or Shadow of the Past Self: Cultures Differ in How Much the Past Self Affects Current Subjective Well-Being. **Emotion** (Washington, D.C.). 12. 1111-7, 2012.

KOO, M.; OISHI, S. False memory and the associative network of happiness. **Pers Soc Psychol Bull**. 35(2):212-20, 2009.

KOUKKOU, M.; FABER, P. L.; MILZ, P. **Sociocultural and scientific beliefs: interrelationships and the experience of well- or mal-being**. Proceedings (RX30) of the Joint WPA-INA-HSAPRS Congress (October 30th – November 11th 2014, Athens), 2015.

MEUSBURGER, P.; HEFFERNAN, M.; WUNDER, E. Cultural Memories: An Introduction. In: MEUSBURGER, P.; HEFFERNAN, M.; WUNDER, E. (eds) **Cultural Memories**. Knowledge and Space (Klaus Tschira Symposia), vol 4. Springer, Dordrecht, 2011.

PRADO, H. M.; MURRIETA, R. S. S. A etnoecologia em perspectiva: origens, interfaces e correntes atuais de um campo em ascensão. **Ambiente & Sociedade**, 18(4), 139-160, 2015.

SEIDLITZ, L.; DIENER, E. Memory for positive versus negative life events: Theories for the differences between happy and unhappy persons. **Journal of Personality and Social Psychology**, 64, 654-664, 1993.

SUH, E.; DIENER, E.; OISHI, S.; TRIANDIS, H. C. The shifting basis of life satisfaction judgments across cultures: Emotions versus norms. **Journal of Personality and Social Psychology**, 74, 482–493, 1998.

TAM, K. P.; LAU, B.; JIANG, D. Culture and Subjective Well-Being: A Dynamic Constructivist View. **Journal of Cross-Cultural Psychology**. 43. 23-31, 2012.

THEUNS, P.; BARAN, B.; VAN VAERENBERGH, R.; HELLENBOSCH, H.; TILIOUINE, H. A cross-cultural experimental approach to the contribution of health, religion and personal relations to subjective satisfaction with life as a whole. **Psicológica**, 33, 591–608, 2012.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **La memória biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. 1ª Ed. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2015.

TOV, W.; DIENER, E. Culture and subjective well-being. In S. Kitayama & D. Cohen (Eds.), **Handbook of cultural psychology** (pp. 691-713). New York: Guilford, 2007.

CAPÍTULO II – Etnoecologia, Vinculação Afetiva e Qualidade de Vida em Quintais

A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA NOS QUINTAIS AGROFLORESTAIS

FLORES, Bruno Calzavara; ALVES, Helionora da Silva; VIEIRA, Thiago Almeida

RESUMO: Os quintais são um exemplo característico de espaços socioecológicos construídos a partir da reprodução de modos de vida de sujeitos que estabelecem uma relação peculiar com seus ambientes imediatos. Porém, existem poucos os estudos sobre os processos empreendidos a partir dessa relação, principalmente pesquisas sobre a etnoecologia, vinculação afetiva e qualidade de vida em quintais. Este estudo trata, portanto, de uma revisão narrativa da literatura, realizada por meio da busca em livros e artigos científicos sobre essas bases conceituais, visando estabelecer um diálogo entre elas capaz de embasar teoricamente pesquisas que as relacionem. Apesar de sua importância enquanto patrimônio biocultural e repositório de memórias, e do potencial na formação de vínculos afetivos e promoção da qualidade de vida de seus usuários e mantenedores, seja no espaço urbano ou rural, este agroecossistema está ameaçado pelo paradigma da modernidade, havendo a necessidade de se investir em pesquisas científicas que adotem abordagens integrativas e interdisciplinares na avaliação dos modos de vida, aspectos socioeconômicos, etnoecológicos, cognitivos e simbólicos dos quintais, para que seja possível estabelecer alternativas que visam reduzir os obstáculos psicossociais que limitam o alcance e a operacionalização de instrumentos que contribuam na proposição de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento das cidades e melhoria das condições de vida da população a partir desse modo de produção.

Palavras-Chave: Etnobiologia. Apego ao Lugar. Bem-Estar Subjetivo.

ETHNOECOLOGY, PLACE ATTCHMENT AND QUALITY OF LIFE: THE MAN-NATURE RELATIONSHIP AT HOMEGARDENS

ABSTRACT: Homegardens are a characteristic example of socioecological spaces built from the reproduction of lifestyles of subjects that establish a peculiar relation with their immediate surroundings. However, there are still few studies that study the processes undertaken from this relationship, mainly researches on ethnoecology, affective attachment and quality of life in homegardens. Therefore, this study deals with a narrative review of the literature, carried out through the search of books and relevant scientific articles on these conceptual bases, aiming to establish a dialogue between them able to theoretically base research that relates them. Despite its importance as a biocultural heritage and repository of memories, and the potential for the formation of affective bonds and the promotion of the quality of life of its users and maintainers, whether in urban or rural space, this agroecosystem is threatened by the paradigm of modernity. It's need to invest in scientific research that adopt integrative and interdisciplinary approaches in the evaluation of the ways of life, socioeconomic, ethnoecological, cognitive and symbolic aspects of homegardens. Thus, it is hoped to reduce psychosocial obstacles that limit the reach and the operationalization of instruments that contribute in the proposal of public policies directed to the development of the cities and improvement of the conditions of life of the population from this way of production.

Keywords: Ethnobiology. Place Attchment. Subjective-Well-Being.

INTRODUÇÃO

O homem produz seu espaço a partir de uma relação dialética tridimensional em níveis material, informacional e semântico, por meio das quais é, simultaneamente, percebido, concebido e vivido como um produto social (LEFEBVRE, 1991). Portanto, deve “ser entendido em um sentido ativo como uma intrincada rede de relações que é produzida e reproduzida continuamente” (SCHMID, 2012, p. 104).

Ao se estabelecer em seu contexto socioespacial, o ser humano cria e recria seu habitat, relacionando-se com o meio ambiente de forma ativa e construindo uma visão de mundo própria que exerce efeitos significativos sobre sua vida e identidade (KUHNNEN, 2009). Seu desenvolvimento se dá a partir desse processo permanente de interação, sendo permeado por diversos sistemas e variáveis conjunturais que se relacionam a partir de uma perspectiva histórico-social de seu ambiente imediato (BRINFENBRENNER, 1996).

Nesse processo, o homem herda e adapta um conjunto próprio de técnicas, práticas e crenças que determinam um modo de vida específico sobre seu espaço (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Essa cosmologia própria e complexa é permeada pela formação de vínculos afetivos que retroalimentam sentimentos, valores e simbologias importantes para a compreensão da relação homem-meio (KUHNNEN, 2009).

Ao perceber e sentir os lugares-comuns biológicos, o homem chega às raízes da estética na experiência, apropriando-se dessa arte em forma germinal para produzir sua própria arte e ampliar sua própria vida, que “se dá em um meio ambiente; não apenas nele, mas por causa dele, pela interação com ele” (DEWEY, 2010, p. 74). Assim, busca um entendimento de si e do que lhe traz satisfação, exercitando a capacidade humana de encontrar a felicidade em outras áreas da vida e de traduzi-la em planos lógicos, satisfazendo necessidades conscientemente desconhecidas através desses ambientes construídos (DE BOUTON, 2006).

Dessa forma, entende-se que na medida em que o homem se apropria de seu ambiente, ele também se desenvolve, produzindo seu espaço social que, por sua vez, irá gerar experiências e estímulos que influenciarão na sua qualidade e satisfação com a vida (DIENER, 1995). Esse processo é uma forma artística de expressão, pois dá sentido ao espaço que produz para atender às suas necessidades, onde seu impulso e ação regulam, selecionam e reordenam conscientemente suas experiências particulares de vida (DEWEY, 2010).

Pinheiro (2003), ao indicar temas de interesse dentro dessa perspectiva, aponta para algumas das áreas abordadas nessa revisão, como a ecologia de pequenos grupos, espaço e lugar, usuários de ambientes específicos, qualidade de vida, atitudes, crenças, normas e valores. Portanto, um exemplo característico desses temas pode ser representado por sujeitos que reproduzem seus modos de vida baseado no agroecossistema de quintais, seja na área rural ou resistindo ao processo de urbanização nas cidades.

No entanto, apesar das pesquisas interdisciplinares que envolvem ciências sociais, naturais e biológicas estarem em franca expansão nos últimos anos, ainda existem poucos estudos sobre os processos aqui descritos, principalmente pesquisas sobre a etnoecologia, vinculação afetiva e qualidade de vida em quintais. Assim, objetivou construir uma revisão narrativa da literatura, realizada por meio da busca em livros e artigos científicos sobre essas bases conceituais, visando estabelecer um diálogo entre elas capaz de embasar teoricamente pesquisas que as relacionem.

METODOLOGIA

Este estudo trata de uma revisão narrativa da literatura, realizada por meio da busca em livros e artigos científicos com conteúdos sobre os agroecossistemas quintais, relacionados às bases teóricas escolhidas. O objetivo foi reunir informações gerais sobre a temática abordada para compor o estado da arte da pesquisa acerca da etnoecologia, vinculação afetiva e qualidade de vida sobre o agroecossistema de quintais. A escolha pelo tipo de revisão deveu-se em função do seu caráter flexível permitir explorar um campo de estudos interdisciplinar de difícil apreensão.

A título de contextualização e norteamento acerca do tema geral abordado, inicialmente, realizou-se uma caracterização desse sistema, sendo, em seguida, apresentados alguns aspectos teóricos pertinentes, relacionando-os aos quintais ou a familiares agricultores. A seleção das fontes de informações, portanto, não se pautou em uma estratégia sistematizada, mas sim em publicações gerais sobre o assunto, proporcionando ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em um curto espaço de tempo.

QUINTAIS AGROFLORESTAIS

Ao se falar de agroecossistema, estamos também falando de um sistema agroflorestal, uma forma de uso e manejo da terra disponível típica de regiões tropicais, que associa o cultivo de diferentes tipos de espécies vegetais e a criação de animais simultaneamente ou num arranjo temporal pré-determinado (KUNHAMU, 2013). Existem diversas vantagens ambientais, econômicas e sociais para a adoção desses sistemas, sendo considerados estratégias sustentáveis de produção (MAROYI, 2009). Porém, por dependerem fundamentalmente de fontes de conhecimento e tecnologia locais, de baixo custo e facilmente disponíveis, o fato de serem geralmente compatíveis com as práticas culturais das populações (ANDERSON et al., 1985) é nosso principal foco.

A partir de seleção e coleta de espécies de interesse alimentar, terapêutico, ornamental e ritualístico, as populações locais dessas regiões se apropriaram da rica biodiversidade tropical e constroem, historicamente, uma complexa rede de conhecimentos, crenças e práticas, constituindo seus modos de vida baseados em sistemas como esses (GALHENA et al., 2013; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Um deles se refere aos quintais agroflorestais, talvez o mais antigo sistema de uso da terra criado pelo homem (AMARAL; GUARIM NETO, 2008; BOTELHO et al., 2014), que reúne o patrimônio biocultural acumulado através de gerações e a oferta continuamente no dia-a-dia de comunidades agrícolas, ribeirinhas, indígenas, quilombolas e caboclas.

Possivelmente uma das definições mais amplas desses sistemas foi cunhada por Nunes (1994), que diz:

Quanto à extensão, variável ao extremo, o quintal é o terreno livre, que sobrou da construção da casa, em geral dos fundos, em certos casos dos dois lados dela e adjacente à rua. Em parte utilitário, prolonga, a céu aberto, o interior da casa: tem o seu tanto de horta, o seu tanto de jardim e o seu tanto de pomar – podendo também funcionar como saguão ou pátio – sem que de qualquer dessas funções, em conjunto ou isoladamente, receba identidade, porque também abriga serviços e coisas que não caberiam no âmbito doméstico (...). De qualquer forma, pequeno ou grande, o quintal era um enclave do rural no urbano ou um espaço desurbanizado. (...) Não foram os jardins que prepararam a nossa intimidade individual, mas os quintais. Últimos rincões das paragens edênicas, retiravam-nos cada dia, por momentos, do absorvente círculo de família, para a convivência com o quieto e mágico mundo vegetal. (...) Com o desaparecimento dos quintais, morrerá um local privilegiado, senão uma das fontes principais de nosso imaginário, talvez entre nós o único espaço privado, domiciliar, limítrofe da cultura, a pôr-nos em contato com o ilimitado espaço da natureza. (NUNES, 1994, p. 262-263).

Depreende-se dessa noção de quintal, que esse espaço possui muitas dimensões que se cruzam e se relacionam numa polifonia de sentidos, usos, papéis e importâncias, muitas das quais permanecem pouco estudadas pela pesquisa científica, talvez em função de sua complexidade ou pelo desconhecimento da importância e do potencial desses sistemas (SALAM; SREEKUMAR, 1992).

Entende-se ainda que esses espaços são verdadeiros repositórios de memórias vivas (“*bancos de memórias*”), que apesar de representarem lembranças das formas como se entendia, utilizava e vivenciava a natureza, e ainda se inserem e resistem à modernidade ao reproduzirem modos de vida que estão constantemente se modificando ao incorporar novas culturas e cosmologias (NAZAREA, 1998). Silva et al. (2017) reforçam esse entendimento, ao trazerem que:

Os quintais são espaços territorizados pela memória e saberes, marcados pela migração, circulação e conexões entre humanos e não-humanos. Podem ser compreendidos como espaços de aprendizagem na construção e transformação dos saberes ecológicos tradicionais (SET), constantemente marginalizados e silenciados pelo discurso hegemônico da ciência moderna, ainda que possam inspirar resistências que possibilitem o bem viver. Os quintais, nas cidades, são locais de encontros, experimentações, brincadeiras e memórias, conformando um verdadeiro mundo de sociobiodiversidade e formas de viver contra-hegemônicas no contexto urbano-industrial. (SILVA et al., 2017, p. 32).

Portanto, para além do uso agrícola, os quintais são responsáveis por fornecer diversos benefícios para seus usuários, como por exemplo: uma grande diversidade de produtos econômicos e não econômicos que influenciam diretamente na segurança alimentar e nutricional da população que os acessa (GALHENA et al., 2013); vários serviços ambientais entre conservação da biodiversidade, do microclima e de recursos naturais, mantendo condições favoráveis para o desenvolvimento e enriquecimento genético das espécies (KUNHAMU, 2013); valor estético, simbólico, social e cultural a terra, representado espaço de contemplação, encontro, brincadeira e festa (TOURINHO; SILVA, 2016).

Os quintais são espaços que ao longo do tempo se constituem em lugares, reflexo do cuidado ou manejo. O humano, ao manejar o quintal, impõem ao espaço suas impressões, sentimentos, necessidades e vontades, que vão adequando o lugar àquilo que corresponde às suas expectativas. O quintal é importante para os mantenedores que neles investem sentimentos construídos pela associação e apropriação do espaço com sentimentos positivos. (...) Os quintais urbanos são importantes para as pessoas, para as residências, e para as cidades, na medida em que permitem a humanização

do espaço mesmo diante da impessoalidade tradicional urbana. (AMORIM; CARVALHO; BARROS, 2015, p. 4).

Apesar de todos os benefícios que esses sistemas multifuncionais carregam, sabe-se que estão ameaçados e muito do seu imensurável patrimônio vêm se perdendo na atualidade (ALMADA; SOUZA, 2017). Por essas razões, estudos direcionados às pessoas que mantêm práticas agrícolas e aos modos de vida tradicionais associados aos quintais representam um meio de valorizá-los e manter vivas as lições aprendidas num sistema de cultivo sustentável inestimável para a humanidade (KUNHAMU, 2013).

ETNOECOLOGIA DE QUINTAIS

Em função do caráter multifuncional dos quintais e da relevância do seu sistema de conhecimentos, práticas e técnicas no cotidiano de áreas rurais e urbanas – ou urbano-rurais – estudos sobre os saberes ecológicos tradicionais desses espaços são fundamentais para compreensão de seu funcionamento, podendo contribuir de forma efetiva no delineamento de políticas públicas que considerem a diversidade cultural inerente aos seus sistemas socioecológicos.

Para dar conta desse desafio é preciso considerar um aporte teórico capaz de apreender sua complexidade de forma holística e interdisciplinar, entendendo suas múltiplas dimensões como inter-relacionadas, e não como mosaicos agrupados e em polos opostos. Essa visão, imposta pelo paradigma da modernidade, fragmenta o conhecimento, separando o novo e o tradicional, o urbano e o rural, o objetivo e o subjetivo, desconsiderando a existência de saberes e formas de (re)significar o espaço que resistam ao projeto moderno de cidade e a visão eurocêntrica (DURAND, 2000; GOMES, 2009).

É nessa conjuntura que a abordagem metodológica da entnoecologia figura como uma ferramenta disciplinar híbrida, estruturada para a investigação dos processos, formas e padrões da vida, considerando aspectos culturais, cognitivos e simbólicos da relação que o homem estabelece com seu ambiente de entorno e a agrobiodiversidade nele disponível (TOLEDO, 1992, 2002). Assim, direciona seu olhar para a interpretação de estratégias complexas de apropriação e manejo da natureza para a subsistência humana, “*envolvendo o que as pessoas fazem (prática, conhecimento incorporado), o que sabem (conhecimento*

cognoscível) e sua visão global ou cosmovisão, incluindo aspectos sagrados da compreensão do mundo e o lugar humano nele.” (JOHNSON; DAVIDSON-HUNT, 2011, p. 270).

Cardoso (2009) atesta a importância dessa ferramenta, principalmente em estudos sobre a dinâmica de sistemas agrícolas tradicionais. Além disso, esse campo também busca entender a forma e as razões com que sentimentos, atitudes, valores, memórias e emoções humanas se associam culturalmente a alimentos, remédios e outros recursos naturais, baseados na apropriação e utilização da agrobiodiversidade (ANDERSON, 1996; JOHNSON; DAVIDSON-HUNT, 2011).

Por isso se configura como um método de pesquisa do tipo biocultural, estudando o patrimônio de saberes tradicionais intergeracionais em diferentes escalas. Almada e Souza (2017, p. 23) defendem o uso dessa visão ao se estudar quintais, entendendo patrimônio biocultural como *“o sistema composto por práticas, artefatos, espécies, saberes e memórias construídas historicamente, por determinado grupo humano acerca dos ecossistemas onde vivem”*.

A pesquisa biocultural integra material biocientífico (por exemplo, em doenças, evolução, ecologia) com contribuições interpretativas e descritivas da etnografia para examinar pessoas e plantas em uma variedade de escalas: do nível de espécies e locais de campo etnográfico particulares para ecossistemas inteiros, incluindo as populações humanas dentro deles. A pesquisa biocultural pode investigar a co-evolução da diversidade biológica e cultural, a influência das interações homem-ambiente sobre a saúde humana e como essas questões se relacionam com o gerenciamento de recursos, entre outros temas. (ETKIN; TICKTIN; MCMILLEN, 2011, p. 233).

Para Anderson (2011), pesquisas com enfoque nos sistemas quintais representam um considerável campo de estudos, devido a sua capacidade de preservar a agrobiodiversidade de usos múltiplos, incluindo geralmente mais de 100 espécies de plantas cultivadas e várias espécies animais cujas funções são entendidas como vitais para muitos povos do mundo. Almada e Souza (2017, p. 25) acrescentam, no entanto, que não se trata apenas do acesso às espécies, mas também a elementos não-humanos, pois *“os quintais, invisíveis e invisibilizados pelo tempo e pelo concreto da modernidade, são os espaços onde mulheres e homens, humanos e não-humanos estabelecem redes socioecológicas complexas e em movimento”*.

VINCULAÇÃO AFETIVA EM QUINTAIS

A relação estabelecida entre o homem e seu meio sociofísico é, portanto, um tema fundamental nessa discussão, sendo que um instrumento importante para a compreensão desse relacionamento se refere à afetividade (FERREIRA, 2006). A partir de um modo de vida próprio, o homem estabelece uma relação cíclica e contínua de resposta/geração de estímulos do meio ao interagir com seu ambiente de entorno, criando uma proximidade relativa entre eles, geralmente permeada por afeto – também chamado de apego, vínculo ao lugar ou *place attachment* (ELALI; MEDEIROS, 2011; AMORIN, CARVALHO; BARROS, 2015).

Dessa forma, estudos desse tipo se baseiam numa complexa rede de informações físico-espaciais, sociais e psicológicas (emoções, cognições, crenças, comportamentos e ações) relativas às vinculações simbólico/afetivas permeadas pela relação entre homem e seu ambiente (GIULIANI, 2004; ELALI; MEDEIROS, 2011). Ainda segundo as autoras, esse processo pode ser analisado a partir das dimensões funcional (comportamentos resultantes dos múltiplos papéis desempenhados pelos espaços), simbólica (modos como compreendem e agem a partir de aspectos socioculturais e de memória) e relacional (interações sociais cotidianas que influenciam no vínculo identitário individual e coletivo), podendo ter bases cognitivas relacionadas à qualidade do lugar que afetam o bem-estar material e espiritual de um povo.

Segundo Low e Altman (1992), pesquisas sobre esse construto podem desempenhar papéis e propósitos relacionados às dimensões de análise, importantes para indivíduos, grupos e culturas:

Em um nível de análise, o apego ao lugar pode proporcionar uma sensação de segurança e estimulação diária e contínua, com lugares e objetos que oferecem facilidades previsíveis, oportunidades para relaxar de papéis formais, a chance de ser criativo e controlar os aspectos da própria vida. Em outro nível, o apego ao lugar pode ligar as pessoas com amigos, parceiros, filhos e parentes de uma forma aberta e visível. Pode unir pessoas a outras pessoas simbolicamente, fornecendo lembretes de infância ou vida anterior, pais, amigos, antepassados e outros. Além disso, o apego ao lugar pode vincular pessoas à religião, nação ou cultura por meio de símbolos abstratos associados a lugares, valores e crenças. (LOW; ALTMAN, 1992, p. 10).

Compreender as atitudes, crenças, percepções, valores e representações sociais de agricultores e produtores sobre a natureza também podem reduzir obstáculos psicossociais que limitam o alcance de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural territorial (ROBERTI; MUSSI, 2014).

Esse debate, trazido para o contexto urbano, suscita a necessidade do (re)conhecimento de modos de vida que considerem as relações afetivas de apego ao lugar em prol do debate de uma possível “sustentabilidade afetiva” das cidades (MANSANO, 2016).

Assim, entendendo que os quintais urbanos são espaços de resistência onde “*a vinculação das experiências humanas à fenologia das plantas*”, por exemplo, é vista como um elemento de fuga dos problemas socioambientais associados aos contextos urbanos, estudos sobre o apego ao lugar nesses sistemas são importantes para a compreensão do papel que os quintais podem desempenhar para o bem viver das cidades (ALMADA; SOUZA, 2017, p. 25).

Apesar disso, ainda são escassas as pesquisas dedicadas ao estudo da vinculação afetiva de quintais, não figurando diretamente como um dos âmbitos de investigação com interesse nas relações de apego ao lugar em periódicos publicados nas bases de dados *Science Direct* e *Sage* (FELIPPE; KUHNEN, 2012).

Nesse contexto, a tese de Amorim (2015) se destaca, combinando pesquisa etnobotânica e vinculação afetiva a quintais em Teresina-PI. O autor aponta que é preciso considerar o modo de vida das sociedades urbanas e fatores que ameaçam no desaparecimento desses sistemas em pesquisas futuras. Para ele “*os quintais enquanto lugares, traduzem o cuidado ou manejo humano e a reciprocidade de transformações, tanto no ambiente físico que se torna mais e mais próximo e familiar ao mantenedor, quanto no próprio sujeito*” (AMORIM, 2015, p. 87).

QUALIDADE DE VIDA DE AGRICULTORES: POR UM ESTUDO SOBRE MANTENEDORES DE QUINTAIS URBANOS

Ao se debruçar sobre os modos de vida empreendidos em ambientes de quintais, e o apego ao lugar que os usuários e mantenedores desses espaços mantêm, chega-se facilmente a uma reflexão acerca da qualidade de vida desses sujeitos em seus sistemas de produção e reprodução sociocultural (ARBUCKLE; KAST, 2012; EBOLI et al., 2010).

Mesmo assim, e apesar dos avanços em pesquisas sobre esse construto nas últimas décadas, esse assunto ainda é pouco estudado, principalmente ao considerar o ambiente de quintais urbanos. Portanto, há a necessidade de se relacionar as pesquisas sobre a qualidade de vida de agricultores em áreas rurais com os estudos sobre esse conceito no espaço urbano,

inserindo a pauta no bojo do debate sobre o papel multifuncional da agricultura urbana e na discussão sobre a operacionalização de instrumentos que contribuam na proposição de ações e efetivação de políticas públicas para melhoria das condições de vida da população (EBOLI et al., 2010; VERSIANI, 2016).

Nas últimas décadas muitos estudos têm sido realizados a fim de discutir uma noção de qualidade que vai muito além da mera satisfação das necessidades básicas dos indivíduos, problematizando a questão e desnudando sua verdadeira complexidade (ROYUELA; SURINACH; REIS, 2003; COSTANZA et al, 2007; VITTE, 2009). Assim, trata-se de um conceito polissêmico em fase de construção de um corpo teórico que lhe confira identidade, entendido como uma categoria analítica central capaz de promover abordagens integradoras e interdisciplinares de uma realidade multidimensional (DIENER, 1995; PENTEADO; PEREIRA, 2007; ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012; SCORSOLINI-COMIN, SILVA; GILIO, 2012). Portanto, torna-se necessário indicar a noção adotada de qualidade de vida.

Qualidade de vida é uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo portanto uma construção social com a marca da relatividade cultural. (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000).

Dessa forma, depreende-se que qualidade de vida integra a extensão com que as necessidades humanas objetivas são atendidas, a partir das percepções de bem-estar subjetivo, sejam individuais ou coletivas (COSTANZA et al., 2007). Logo, depende do sistema de valores e crenças que as pessoas empregam em seu território, sendo este *habitus* fundamental na avaliação da qualidade de vida, pois possibilita a compreensão das necessidades subjetivas e simbólicas de um indivíduo ou comunidade e do pertencimento a um determinado lugar (ZIDANSEK, 2007; VITTE, 2009). Atkinson, Fuller e Painter (2012) complementam esse entendimento, entendendo o bem-estar relacional como uma prática sociocultural vinculada a um tempo e lugar específicos.

É sobre esse enquadramento teórico que o conceito vem sendo instrumentalizado e aplicado em diferentes abordagens e a diversos campos de estudos, como no contexto urbano (MARANS; STIMSON, 2011) e rural (BRAUER; DYMITROW, 2014; GORAN;

JELISAVKA, 2016) de vários países, sendo também possível encontrar pesquisas direcionadas em compreender a qualidade de vida de agricultores (ASMUS, 2004; AZEVEDO, 2004; ARBUCKLE; KAST, 2012; PESSOA, 2014).

Embora dados sobre a relação do agroecossistema de quintais com a qualidade de vida de seus usuários e mantenedores ainda sejam escassos, sabe-se que esses sistemas, sejam em áreas urbanas ou rurais, desempenham um papel fundamental na melhoria das condições e da qualidade de vida dos sujeitos que reproduzem seus modos de vida nesses espaços (MAROYI, 2009; KUNHAMU, 2013). Apenas sua infraestrutura verde já influencia fortemente na satisfação com a vida dessas pessoas (ZAMPINI, 1994).

Fadamiro e Adedeji (2015) despontam nesse debate ao estudarem a qualidade de vida em áreas residenciais urbanas e seus jardins, apesar de desconsiderarem aspectos socioeconômicos relevantes para essa análise. Além desses, para os autores elementos como a diversidade, arranjo e disposição de plantas no design paisagístico de jardins domésticos devem ser priorizados, especialmente em áreas que contemplem a multifuncionalidade do sistema de quintais urbanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito da multifuncionalidade do sistema produtivo de quintais e de sua importância enquanto patrimônio biocultural e repositório de memórias, e na formação de vínculos afetivos e promoção da qualidade de vida de seus usuários e mantenedores, seja no espaço urbano ou rural, este agroecossistema está ameaçado pelo paradigma da modernidade.

Há, portanto, a necessidade de se investir em pesquisas científicas que adotem abordagens integrativas e interdisciplinares que considerem os modos de vida, os aspectos socioeconômicos, etnoecológicos, cognitivos e simbólicos dos quintais. Assim, pode-se reduzir obstáculos psicossociais que limitam o alcance e a operacionalização de instrumentos que contribuam na proposição de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento das cidades e melhoria das condições de vida da população a partir desse modo de produção.

REFERÊNCIAS

ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. e. Quintais como patrimônio biocultural. In: ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. e (Org.). **Quintais: Memória, Resistência e Patrimônio Biocultural**.

1ed. Belo Horizonte: EDUEMG - Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017, v. 1, p. 15-29.

ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES R. Qualidade de vida: definições e conceitos. In: ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES R. **Qualidade de vida: definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo; 2012. p. 13-50.

AMARAL, C. N.; GUARIM NETO. Quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo de na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso). **Ciências Humanas**, p.329-341, 2008.

AMORIM, A. N. **Quintais urbanos de Teresina/PI: Cultivo de espécies úteis e apego ao lugar**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Piauí, 2015. 102 p.

AMORIM, A. N.; CARVALHO, D. B.; BARROS, R. F. M. Vinculação afetiva a quintais urbanos do Nordeste Brasileiro. **Espacios** (Caracas), v. 36, p. 5-5, 2015.

ANDERSON, A. B. GELY, A.; STRUDWICK, J.; SOBEL, G. L.; PINTO, M. G. C. Um sistema agroflorestral na várzea do estuário amazônico (Ilha das Onças, Município de Barcarena, Estado do Pará). **Acta Amazônica**, Manaus, v. 15, n. 1-2, p. 195-224, 1985.

ANDERSON, E. N. **Ecologies of the heart: emotion, belief, and the environment**. New York: Oxford University Press; 1996.

ANDERSON, E. N. (2011) Ethnobiology and Agroecology, in **Ethnobiology** (eds E. N. Anderson, D. Pearsall, E. Hunn and N. Turner), John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, NJ, USA.

ARBUCKLE, J. G.; KAST, C. Quality of life on the agricultural treadmill: individual and community determinants of farm family well-being. **Journal of Rural Social Sciences**, 27, 84-113, 2012.

ASMUS, R. M. F. **Qualidade de vida na agricultura familiar**. Tese (Doutorado em Política e Gestão Ambiental) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2004. 271 p.

ATKINSON, S.; FULLER, S.; PAINTER, J. (Eds.). **Well-being and Place**. London: Ashgate. 2012.

AZEVEDO, E. de. **As relações entre qualidade de vida e Agricultura Familiar Orgânica: da articulação de conceitos a um estudo exploratório**. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004. 123p.

BOTELHO, J. M.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N.; FERREIRA, M. L. Prática de cultivo e uso de plantas domésticas em diferentes cidades brasileiras. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 44, n.10, p.1810-1815, 2014.

BRAUER, R.; DYMITROW, M. Quality of life in rural areas: A topic for the Rural Development policy?. *Bulletin of Geography. Socio-economic Series*, [S.l.], n. 25, p. 25–54, Aug. 2014.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. (VERONESE, M. A. V., Trad.). Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.

CARDOSO, T. M. Manejo da agrobiodiversidade na agricultura indígena de corte e queima do baixo rio Negro, Amazonas, Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, p. 2180-2183, 2009.

COSTANZA, R. et al. Quality of life: An approach integrating opportunities, human needs and subjective wellbeing. **Ecological Economics**, v. 61, p. 267-276, 2007.

DE BOTTON, A. **The Architecture of Happiness**. London: Penguin, 2006.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010.

DIENER, E. A value based index for measuring national quality of life. **Social Indicators Research**, v. 36, p. 107-207, 1995.

DURAND, L. Modernidad y romanticismo en etnoecología. **Alteridades**, v. 10, n. 19, p. 143-150, 2000.

EBOLI, M. G.; MACRI, M. C.; MICOCCI, A.; VERRECCHIA, F. Multifunctional Agriculture, Quality of Life and Policy Decisions: an Empirical Case. In: 116th Seminar. Parma, Italy. **European Association of Agricultural Economists**. 2010.

ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. Apego ao lugar. IN: CAVALCANTE, S. e ELALI, G. A. (Ed.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ETKIN, N. L.; TICKTIN, T.; MCMILLEN, H. L. (2011) Ethnoecological Approaches to Integrating Theory and Method in Ethnomedical Research, in **Ethnobiology** (eds E. N. Anderson, D. Pearsall, E. Hunn and N. Turner), John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, NJ, USA.

FADAMIRO, J. A.; ADEDEJI, J. A. Home gardens and quality of life in Akure, Nigeria. In: **Cientific Cooperations Workshops on Engineering Branches**, 82-88, 2015.

FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v. 29, n. 4, p. 609-617, Dec. 2012

FERREIRA, K. P. M. **Ficar ou Partir? Afetividade de migração de jovens do semiárido cearense**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2006. 177 p.

GALHENA, D. H.; FREED, R.; MAREDA, K. M. Home gardens: a promising approach to enhance household food security and wellbeing. **Agriculture e Food Security**, 2(1), 8, 2013.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. In: TASSARA, E.; RABINOVICH, E.; GUEDES, M. C. (Orgs.). **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ. 2004.

GOMES, Â. M. da S. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: terreiros, quilombos e quintais da Grande BH**. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. 220 p.

GORAN, R.; JELISAVKA, B. Theoretical approach to the study of quality of life in rural and urban settlements. *Analele Universității din Oradea: Seria Geografie*. 26(1):5-24, 2016.

JOHNSON, L. M.; DAVIDSON-HUNT, I. Ethnoecology and Landscapes. In: **Ethnobiology** (eds E. N. Anderson, D. Pearsall, E. Hunn and N. Turner), John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, NJ, USA, 2011.

KUHNEN, A. Interações humano-ambientais e comportamentos socioespaciais. In: KUHNEN, A.; CRUZ, R. M.; TAKASE, E. (Org). **Interações pessoa-ambiente e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

KUNHAMU, T. K. Tropical homegardens. *Agroforestry-Theory and Practice*. RAJ, A. J.; LAL, S.B. (eds). **Scientific publishers** (India), Jodhpur. pp- 365-375. 2013.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Trad. D. Nicholson-Smith Oxford: Basil Blackwell, 1991.

LOW, S. M.; ALTMAN, I. Place Attachment: a Conceptual Inquiry. In: LOW, S. M.; ALTMAN, I. (Orgs.) **Place Attachment: Human Behavior and Environment – Advances in Theory and Research**. Nova York: Plenum Press. 1992.

MANSANO, S. R. V. Espaço urbano, natureza e relações sociais: por uma sustentabilidade afetiva. **Psicol. Teor. Prat.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 49-59, abr. 2016.

MARANS, R. W.; STIMSON, R. J. (Eds.) Investigating quality of urban life: Theory, methods and empirical research. **Social Indicators Research Series**, volume 45, Springer, Dordrecht. 2011.

MAROYI, A. Traditional homegardens and rural livelihoods in Nhema, Zimbabwe: a sustainable agroforestry system. **International Journal of Sustainable Development and World Ecology**, 16: 1-8, 2009.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.5, n.1: 7-18, 2000.

NAZAREA, V. **Cultural memory and biodiversity**. Tucson: University of Arizona Press; 1998.

NUNES, N. Casa, praça, jardim e quintal. **Ciência e Trópico**, Recife, v.22, p. 253-264, 1994.

PENTEADO, R. Z.; PEREIRA, I. M. T. B. Qualidade de vida e saúde de professores. **Revista de Saúde Pública**, 41(2), 236-243. 2007.

PESSOA, Y. S. R. Q. **Agricultura familiar: uma perspectiva da qualidade de vida do produtor rural orgânico da Paraíba**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014. 153 p.

PINHEIRO, J. Q. Psicologia Ambiental: espaços construídos, problemas ambientais, sustentabilidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, 8(2), 209-213, 2003.

ROBERTI, J.; MUSSI, G. El desarrollo rural y las contribuciones de la Psicología: un estado de la cuestión. **Mundo Agrario**, 15(28). 2014.

ROYUELA. V.; SURINACH J.; REYES, M. **Measuring quality of life in small áreas over diferente periods of time**. *SIR*, 64 (1). 2003.

SALAM, M. A.; SREEKUMAR, D. Kerala homegardens. A traditional agroforestry system from Índia. **Agroforestry Today**, p. 10-16, jul.-set., 1992.

SCHMID, C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, n. 32, p. 89-109, dec. 2012.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SILVA, R. C. da; GILIO, L. Treinamentos corporativos, qualidade de vida e saúde do trabalhador. **Aletheia**, Canoas, n. 37, p. 197-211, abr. 2012.

SILVA, Y. V. L.; SILVA, G. G.; GONCALVES, C. S.; SOUZA, M. O. e.; ALMADA, E. D. Memórias e Saberes nos Quintais Urbanos de Ibité/MG. In: ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. e (Org.). **Quintais: Memória, Resistência e Patrimônio Biocultural**. 1ed. Belo Horizonte: EDUEMG - Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017, v. 1, p. 31-43.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. 1ª Ed. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2015.

TOLEDO V. M. What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. **Ethnoecológica**, 1992; 1(1):5–21.

TOLEDO, V. M. Ethnoecology: a conceptual framework for the study of Indigenous knowledge of nature. In: J. R. STEPP F, WYNDAM S, ZARGER R.K. editors. **Ethnobiology and biocultural diversity**. Athens (GA): International Society of Ethnobiology; 2002. p 511–522.

TOURINHO, H. L. Z.; SILVA, M. G. C. A. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 11, n. 3, p. 633-651, set.-dez, 2016.

VERSIANI, I. V. L. Indicadores georreferenciados de qualidade de vida urbana: Possibilidades para o planejamento urbano. **Revista Cerrados**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 191-214, out. 2016.

VITTE, A. C. Modernidade, território e sustentabilidade: refletindo sobre qualidade de vida. In: VITTE, C.; KEINERT, T. (Orgs.). **Qualidade de Vida, Planejamento e Gestão Urbana: discussões teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009. p.89- 109.

VITTE, C. de C. S. A qualidade de vida urbana e sua dimensão subjetiva: uma contribuição ao debate sobre políticas públicas e sobre a cidade. In: VITTE, C.; KEINERT, T. (Orgs.) **Qualidade de Vida, Planejamento e Gestão Urbana: discussões teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009. p.89- 109.

ZAMPINI, J. W. Down to Earth Benefits of People-Plant Interactions in Our Community. **Journal of Home & Consumer Horticulture**, 1:2-3, 185-191, 1994.

ZIDANSEK, A. Sustainable development and happiness in nations. **Energy**, v. 32, p. 891-897, 2007.

CAPÍTULO III – Quintais e Qualidade de Vida

HOMEGARDENS E QUALIDADE DE VIDA

FLORES, Bruno Calzavara; ALVES, Helionora da Silva; VIEIRA, Thiago Almeida

RESUMO: Este artigo tem como objetivo levantar o estado da arte da pesquisa sobre quintais, identificando a contribuição de artigos que relacionam o conceito de qualidade de vida a esses sistemas produtivos a partir da produção científica no período de 1987 a 2017. A pesquisa foi realizada na plataforma Web of Sciences em três protocolos de busca diferentes. Foram encontrados 1389 resultados sobre *homegardens*, sendo 28 no enfoque amplo de qualidade de vida e 16 escolhidos a partir da relevância, os quais foram submetidos a análises bibliométricas. As pesquisas sobre *homegardens* são predominantemente realizadas em países de clima tropical, sendo que o Brasil tem significativo destaque nas duas categorias estudadas, com a maioria dos artigos publicados em inglês. A análise de revistas indexadas mais relevantes sobre os temas revelou comportamento difuso. Com relação à distribuição durante o tempo de análise, observou um comportamento ascendente com diversificação de temas em pesquisas. Quanto às principais áreas de pesquisa encontradas a grande área de agricultura se destacou em ambas as categorias de análise, porém observou o caráter fortemente interdisciplinar de ambos os temas. Ressalta-se também o destaque de 15 autores mais citados nos artigos selecionados, dos quais dois apresentam considerável número de citações. Os resultados encontrados indicam que, apesar dos dois temas de pesquisa ainda serem pouco pesquisados, é possível perceber o contínuo aumento de pesquisas interdisciplinares sobre *homegardens* e qualidade de vida, já podendo encontrar autores com destaque em seus trabalhos. Mesmo assim, fica evidente que se trata de um campo novo e ainda pouco estudado, carecendo de investimentos em pesquisa, principalmente em função de seus potenciais benefícios em ambientes urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: Revisão Sistemática. Sistemas Agroflorestais. Quintais.

HOMEGARDENS AND QUALITY OF LIFE

ABSTRACT: This article aims to raise the state of the art of research on backyards, identifying the contribution of articles that relate the concept of quality of life to these production systems from the scientific production in the period from 1987 to 2017. The research was conducted on the Web of Sciences platform in three different search protocols. We found 1389 results on homegardens, 28 in the broad approach to quality of life and 16 chosen from the relevance, which were submitted to bibliometric analyzes. The researches on homegardens are predominantly carried out in countries with a tropical climate, and Brazil has a significant emphasis in the two categories studied, with the majority of articles published in English. The analysis of more relevant indexed journals on the subjects revealed diffuse behavior. Regarding the distribution during the time of analysis, observed an upward behavior with diversification of topics in research. Regarding the main areas of research found, the great area of agriculture stood out in both categories of analysis, but observed the strongly interdisciplinary character of both themes. It is also worth highlighting the 15 most cited authors in the articles selected, of which two have a considerable number of citations. The results indicate that, although the two research themes are still poorly researched, it is possible to perceive the continuous increase of interdisciplinary researches on homegardens and quality of life, already being able to find authors with prominence in their works. Even so, it is evident that this is a new field and still little studied, lacking investments in research, mainly due to its potential benefits in urban environments.

KEY WORDS: Systematic review. Agroforestry Systems. Domestic Gardens.

INTRODUÇÃO

A população mundial se tornou majoritariamente urbana, trazendo diversas implicações socioeconômicas e ambientais, em particular em países em desenvolvimento, exigindo estratégias adequadas à complexidade de novos contextos das cidades, como o enfrentamento da pobreza urbana e a melhoria das condições de saúde e do bem-estar de seus habitantes (GIROTTI SPERANDIO et al., 2016; NORDH et al., 2016). A prática da agricultura urbana pode ser vista como indispensável nesse debate pelos potenciais benefícios associados à saúde, garantia do direito humano à alimentação, segurança alimentar e nutricional, desenvolvimento da economia local, inclusão social e relações de gênero, além dos aspectos ecológicos e ambientais relacionados (LOPES et al., 2017; ORSINI et al., 2013).

Nesse sentido, os *homegardens* se destacam pelo potencial de desempenhar vários papéis fundamentais para a promoção da qualidade de vida no meio urbano, especialmente em regiões tropicais, proporcionando a oferta de alimentos frescos à mesa; melhoria da saúde física e mental de seus mantenedores, principalmente no bem-estar de idosos; conservação da biodiversidade local que ameniza o clima e gera conforto térmico; condições ideais para o estabelecimento de espaços de convivência, lazer e interação familiar (MAROYI, 2009; MIYATA; KIMURA, 2015; TOURINHO; SILVA, 2016).

Para Galhena et al. (2013), vários estudos que fornecem dados descritivos e analíticos sobre *homegardens* destacam inúmeros benefícios para comunidades e famílias de países asiáticos, africanos e latino americanos em processo de desenvolvimento. De acordo com os autores, a literatura científica está repleta de pesquisas e estudos de caso com foco no papel dos jardins domésticos como sistemas agroflorestais ou de produção de alimentos ou, ainda, uma combinação de ambos.

Não raro encontram-se muitos autores que buscam definir esse complexo agroecossistema, ocasionando em formas distintas e não excludentes de compreensão do mesmo. Ainda assim, geralmente entende-se como um sistema de cultivo misto em pequena escala, de uso múltiplo e familiar que pode servir como uma fonte suplementar de alimentos, renda e remédios caseiros, a partir da produção de espécies vegetais, frutíferas, alimentares, aromáticas, condimentares, medicinais e ornamentais, além de espécies animais, dispostas de forma semelhante ao encontrado no ecossistema natural em que se inserem essas unidades produtivas (GALHENA et al., 2013; KUMAR; NAIR, 2004).

Em função do caráter multifuncional dessa unidade produtiva que remonta uma longa tradição histórica de usos, técnicas de cultivos, práticas e saberes, não há uma

nomenclatura padrão que a represente universalmente, existindo diversos termos que as denominam em diferentes idiomas e localidades (KUMAR; NAIR, 2004). Nair (1993) cita alguns dos termos adotados por diferentes autores, que em português seriam: horticultura, jardim misto ou de casa, quintal, fazenda composta, horta, jardim doméstico, propriedade agroflorestal, dentre outros.

Devido a essa diversidade de termos e ao caráter fortemente interdisciplinar desses espaços, revisões sistemáticas sobre o tema são escassas, principalmente quando relacionam áreas de pesquisa ainda pouco estudadas e em fase de construção de identidade teórica e metodológica, como é o caso do construto qualidade de vida (ALMEIDA et al., 2012).

Dessa forma, este artigo tem como objetivo levantar o estado da arte da pesquisa sobre *homegardens*, identificando a contribuição de artigos que relacionam o conceito de qualidade de vida a esses sistemas produtivos, a partir da produção científica dessas duas unidades conceituais no período de 1987 a 2017.

MATERIAL E MÉTODOS

Realizou-se uma revisão sistemática de literatura, construída no período de setembro a novembro de 2017. A escolha por esse tipo de revisão se deu em função do seu nível de precisão quanto ao volume de publicações envolvendo um campo de estudos relativamente novo, além da sua facilidade de replicação futura. Ela foi realizada a partir da pergunta norteadora: “Qual a multiplicidade de perspectivas e pluralidades de enfoques das publicações científicas sobre *homegardens* no mundo e sua relação com a promoção da qualidade de vida?”.

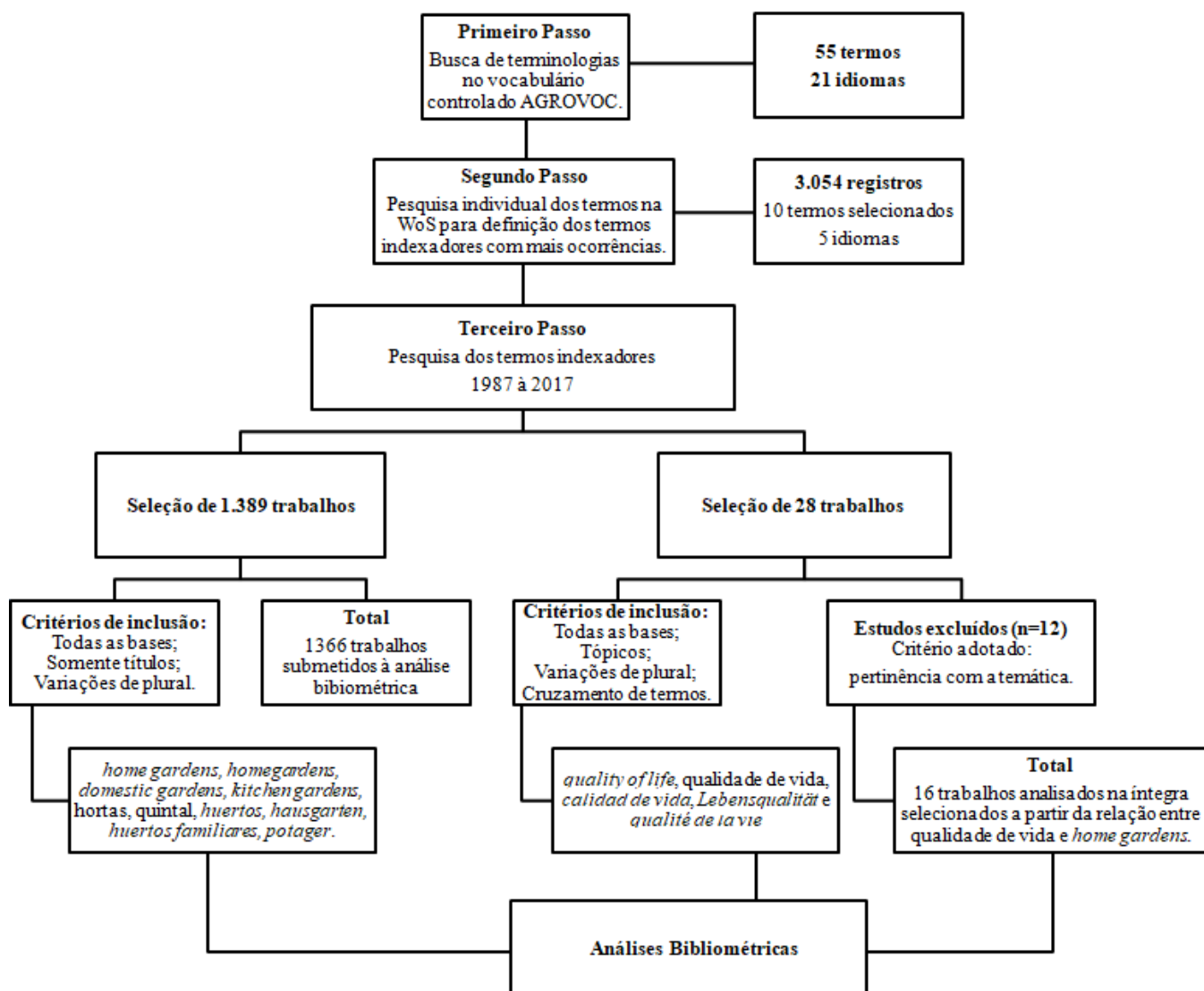
Como estratégia de busca para seleção dos estudos foram consultadas todas as bases de dados da plataforma *Web of Science (WoS)*, que incluem a Principal Coleção do *WoS*, *Derwent Innovations Index*, *KCI - Base de dados de periódicos coreanos*, *Russian Science Citation Index* e *SciELO Citation Index*, considerando o período de 1987 até o ano de 2017. O estudo sistemático sobre qualidade de vida teve início a partir da década de 1980 (BERLIM; FLECK, 2003).

Os algoritmos utilizados foram selecionados por meio do vocabulário controlado multilíngue AGROVOC da *Food and Agriculture Organization of United Nations – FAO*. A

partir do radical *homegarden* foram identificados 55 termos em 21 idiomas, os quais foram usados individualmente como termos indexadores com o campo de busca tópico na *WoS*, resultando em 3.054 artigos em 16 terminologias em 7 idiomas.

A partir disso, procedeu-se à pesquisa com três protocolos distintos (Figura 1):

Figura 1 - Protocolo de busca nas bases de dados científicas e critérios de inclusão dos estudos para análise.



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

[1] no campo de busca por títulos foram procurados artigos que continham um dos 10 termos com mais resultados individuais encontrados, totalizando 1.389 estudos em 5 idiomas (inglês, português, espanhol, francês e alemão);

[2] esses, por sua vez, foram associados ao termo qualidade de vida em seus respectivos idiomas, ainda com o auxílio do referido vocabulário controlado, resultando em 28 artigos;

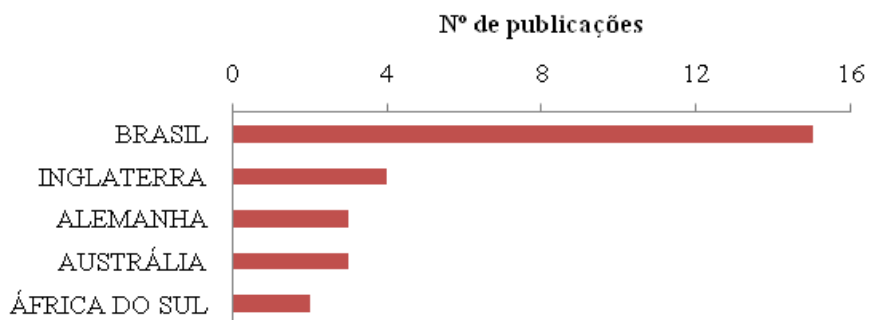
[3] que tiveram seus resumos analisados de acordo com o critério de relevância com o tema da presente revisão, encontrando 16 artigos que foram analisados na íntegra.

Os resultados encontrados foram tabulados com o auxílio do *software Excel for Windows®*, procedendo então às análises bibliométricas pertinentes. Para as buscas 1 e 2, foram analisadas informações como: principais países e territórios com mais publicações sobre os temas; idiomas mais utilizados; periódicos com mais publicações; distribuição da produção em função do tempo; e em função das áreas de pesquisa. Para a busca 3 foram analisados o número de citações dos artigos encontrados; os autores mais citados por esses trabalhos; e o sentido atribuído a nomenclatura adotada. Os títulos da busca 1 e os resumos da busca 3 foram ainda submetidos à análise por meio da elaboração de árvore de relacionamento com o auxílio do *software TreeCloud* (GAMBETTE; VÉRONIS, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as análises realizadas nos 1.389 artigos sobre *homegardens* e nos 28 artigos que especificam as pesquisas no enfoque da qualidade de vida, em termos de País/Territórios de procedência dessas produções científicas, verificou-se que o Brasil se destaca nos dois recortes (Gráfico 1), alcançando 16,8% e 53,6%, respectivamente.

Gráfico 1 - Países/Territórios que mais publicaram sobre *homegardens* e qualidade de vida no período de 1987 a 2017

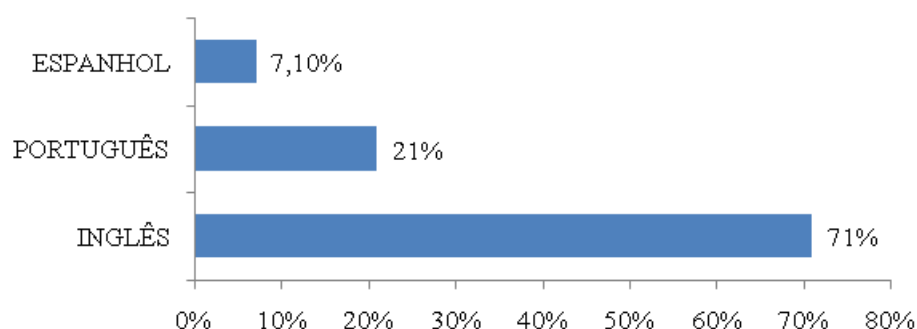


Fonte: Elaborado pelo autor (2017) a partir de dados da *Web Of Science*.

Países como México, Índia e África do Sul, cujo interesse na temática é relevante em função do clima tropical também se destacaram entre os dez países que mais publicaram sobre o tema no período da pesquisa, porém destes apenas a África do Sul figura com pesquisas no enfoque da qualidade de vida. Montambault e Alavalapati (2005), ao revisarem mais de 500 publicações que versam sobre aspectos socioeconômicos em sistemas agroflorestais no período entre 1992 e 2002 encontraram que 66 % referem-se às regiões de clima tropical, 28% em clima temperado e 6% a nível global, com predomínio das regiões asiáticas, latino-americanas e africanas, respectivamente.

Em relação aos idiomas mais utilizados para esse tipo de publicação, percebe-se que o inglês, português e espanhol são os mais expressivos para o período analisado, sendo que o enfoque sobre qualidade de vida segue proporcionalmente a mesma ordem de importância, porém sem publicações nos idiomas francês e alemão (Gráfico 2).

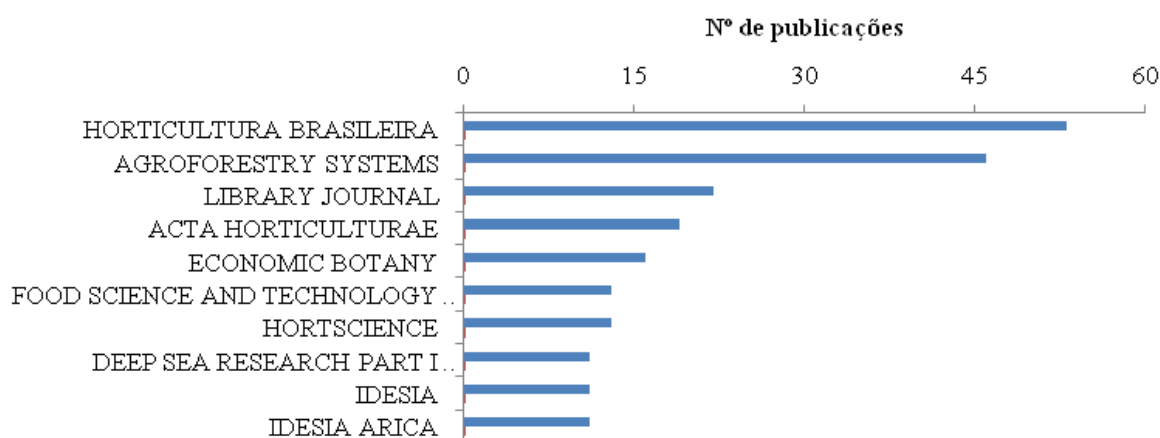
Gráfico 2 - Idiomas utilizados em publicações sobre *homegardens* e qualidade de vida no período de 1987 a 2017.



Fonte: Elaborado pelo autor (2017) a partir de dados da *Web Of Science*.

A distribuição da produção científica em função das revistas indexadas na WoS que mais publicaram sobre *homegardens* no período pesquisado, demonstra um comportamento difuso, possivelmente em função do caráter interdisciplinar do tema, sendo que as 10 revistas mais relevantes representam apenas 15,48% do total. O Gráfico 3 ilustra a distribuição gráfica dessa produção, destacando-se, respectivamente, a revista *Horticultura Brasileira* (3,87%), *Agroforestry Systems* (3,31%), *Library Journal* (1,58%) e *Acta Horticulturae* (1,37%). Esta última se destaca também ao dar ênfase no estudo da qualidade de vida em *homegardens*, com 7,14% dos artigos, seguida apenas do *Brazilian Journal of Nutrition*, também com 7,14%.

Gráfico 3 - Revistas que mais publicaram sobre *homegardens* no período de 1987 a 2017.

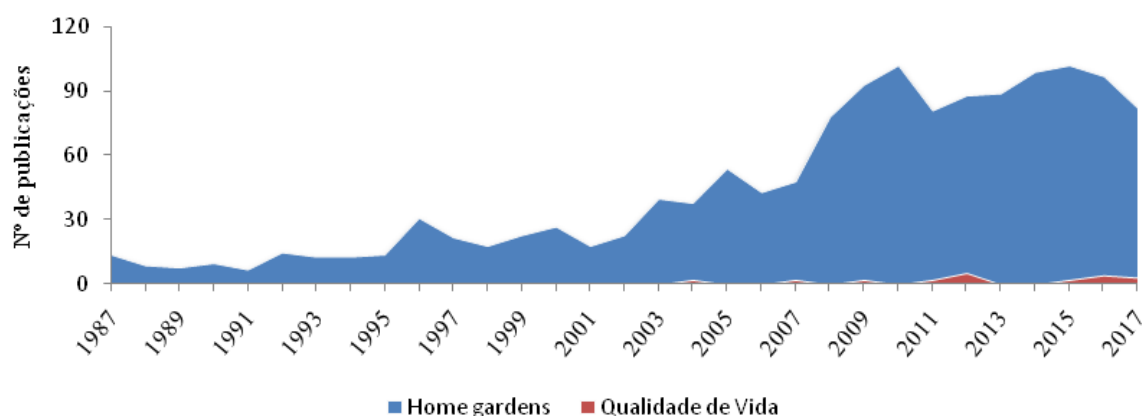


Fonte: Elaborado pelo autor (2017) a partir de dados da *Web Of Science*.

Sousa e Vieira (2017), ao analisarem a produção científica sobre sistemas agroflorestais em revistas indexadas ao *Scielo* Brasil entre 2005 e 2015 identificaram oito revistas mais relevantes, das quais destacam-se *R. Árvore*, *Pesq. agropec. bras.* e *Acta Amazônica*. Não há correspondência entre esses dados e os resultados encontrados na presente pesquisa, o que pode indicar que, apesar da unidade de *homegardens* ser considerada um tipo de sistema agroflorestal, os periódicos de publicação científica das categorias conceituais em questão diferem em função do caráter disciplinar e interdisciplinar a elas associados.

Com relação ao número de artigos publicados sobre os dois temas ao longo do tempo estudado, pode-se observar um comportamento ascendente (Gráfico 4), cuja primeira década foi marcada por uma produção incipiente; seguida por um período de sensíveis oscilações, o que indica o aumento no interesse científico em pesquisas com esse tema e, possivelmente, a expansão dos enfoques adotados, na medida em que é nessa década que os primeiros registros de trabalhos que relacionam as duas categorias de análise aparecem (MILLIGAN et al., 2004; SPURGEON; SIMPSON, 2004; SYME et al., 2004); enquanto que a terceira década indica o estabelecimento do campo de estudo, mantendo uma média de 91,1 artigos publicados e o aumento no número de publicações que enfatizam a relação entre *homegardens* e qualidade de vida (2,1%).

Gráfico 4 - Distribuição da produção científica sobre *homegardens* e qualidade de vida de 1987-2017.

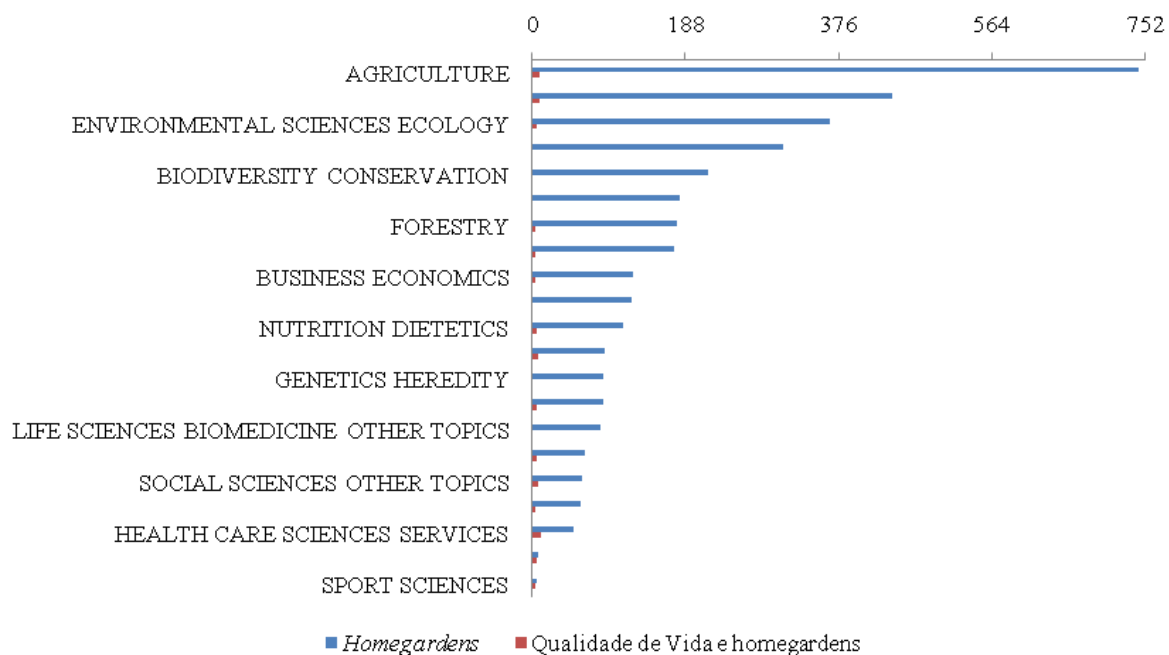


Fonte: Elaborado pelo autor (2017) a partir de dados da *Web Of Science*.

Comportamento semelhante foi encontrado por Ritter et al. (2015), ao avaliarem a produção científica brasileira em periódicos que publicam artigos sobre etnobotânica no Brasil entre 1988 e 2013. No entanto, apesar de ser um tema com linha de tendência crescente, assim como o encontrado nesta revisão, os autores encontraram apenas 4,2% de publicações referentes à categoria *homegardens*. Isso pode indicar que os estudos sobre etnobotânica estão para *homegardens*, assim como *homegardens* estão para qualidade de vida.

Buscou-se ainda correlacionar a produção bibliográfica do período analisado entre as duas temáticas em função das áreas de pesquisa (Gráfico 5). Observou-se que em relação à pesquisa sobre *homegardens* a área de “agricultura” se destaca largamente com o maior volume de publicações, representando 53,42% do total de 1.389 artigos. O principal enfoque de qualidade de vida ainda é predominantemente vinculado à área de “serviços de cuidado em saúde” (35,71%), seguido da “agricultura” (28,57%). A área de “ciências de plantas” foi a mais expressiva tanto nas pesquisas somente sobre *homegardens* (31,82%), quanto nas que relacionam qualidade de vida (32,14%).

Gráfico 5 - Produção científica sobre *homegardens* e qualidade de vida por áreas de pesquisa, ao longo de 1987-2017.



Fonte: Elaborado pelo autor (2017) a partir de dados da *Web Of Science*.

Adicionalmente, foi constituída a árvore de relacionamento a partir das palavras mais frequentes nos títulos dos artigos sobre *homegardens* (Figura 2) e nos resumos e/ou *abstracts* dos 16 artigos selecionados quanto à relevância da pesquisa em qualidade de vida (Figura 3). Ambas as análises estão distribuídas em três dimensões de ocorrência de termos, sendo que é possível observar o predomínio de termos ligados principalmente às áreas de agricultura e de ciências de plantas na primeira árvore, enquanto que na segunda árvore observam-se termos muito variados, ligados tradicionalmente às áreas da agricultura, ciências sociais, ambientais, da saúde e da psicologia.

Gambette e Véronis (2010), ao descreverem como visualizar um texto por meio dessa técnica ressaltam sua relevância para se ter uma visão rápida e panorâmica do conteúdo de um texto, sendo necessário observar o comprimento entre os termos no caminho da árvore para se aferir a distância semântica entre eles. Sousa e Vieira (2017) a utilizam para visualizar a disposição e relação entre termos presentes nos títulos de publicações sobre sistemas agroflorestais de 2005 a 2015, de onde pode-se estabelecer paralelos com os termos destacados, principalmente na árvore de relacionamento sobre *homegardens*.

A Tabela 1 apresenta a lista dos 16 artigos mais relevantes selecionados sobre os temas em questão. Com base no número de citações pode-se observar que a maior parte dessa bibliografia não vem tendo alcance ou acesso da comunidade científica (37,5% nenhuma citação) ou esse ainda é muito incipiente (31,25% de 1 a 10 citações). Poucos artigos possuem alto número de citações (12,5% mais de 50 citações). Ressalta-se ainda que a maior parte dessas publicações datam dos últimos 5 anos (56,25%).

Tabela 1 – Publicações selecionadas a partir da relação entre *homegardens* e qualidade de vida no período de 1987-2017, em função do número de citações.

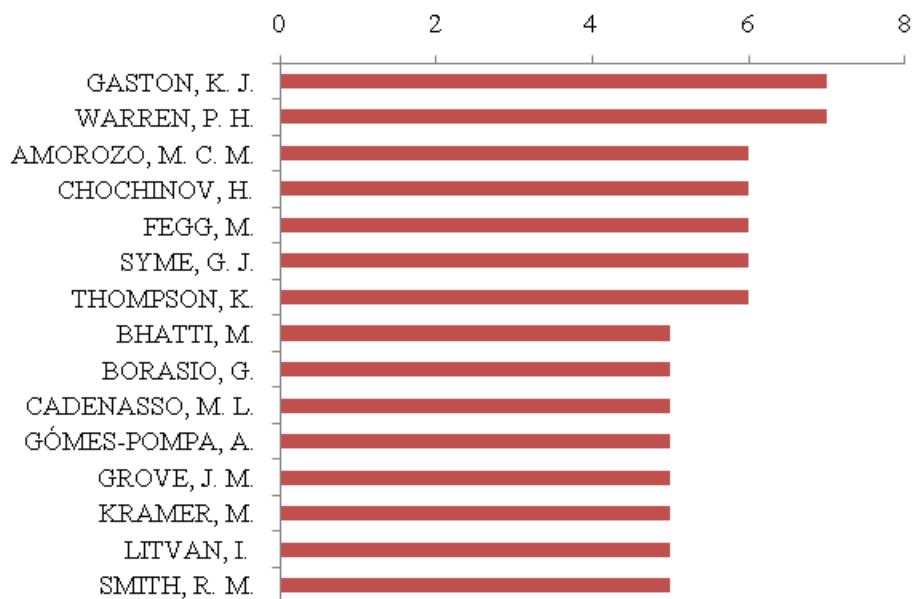
PUBLICAÇÕES	NÚMERO DE CITAÇÕES
Milligan et al. (2004).	176
Syme et al. (2004).	80
Kendal et al. (2012).	43
Fegg et al. (2010).	24
Maroyi (2009).	15
Aguiar e Barros (2012).	9
Fernandez-Canero et al. (2011).	6
Rebollar-Domínguez et al. (2008).	6
Wang et al. (2015).	4
Nordh et al. (2016).	1
Souza Lopes et al. (2017).	0
Tourinho e Silva (2016).	0
Girotti Sperandio et al. (2016).	0
Miyata e Kimura (2015).	0
Fegg et al. (2014).	0
Spurgeon e Simpson (2004).	0

Fonte: Elaborado pelo autor (2017) a partir de dados da *Web Of Science*.

Os dois primeiros autores dentre os trabalhos com maior número de citações foram, respectivamente, Christine Milligan do Centro de Pesquisa em Envelhecimento da Universidade de Lancaster no Reino Unido; e Geoffrey J. Syme do Centro de Planejamento da Universidade de Edith Cowan na Austrália.

A análise das principais referências bibliográficas utilizadas pelos autores dos 16 artigos indicou 15 autores mais citados em estudos que relacionam as duas unidades conceituais de análise bibliométrica (Gráfico 6). Os dois autores mais citados por eles foram Kevin J. Gaston do Instituto de Meio Ambiente e Sustentabilidade da Universidade de Exeter no Reino Unido; e Philip H. Warren do Departamento de Ciências dos Animais e das Plantas da Universidade de Sheffield no Reino Unido.

Gráfico 6 - Autores mais citados pela produção científica sobre *homegardens* e qualidade de vida no período de 1987-2017.



Fonte: Elaborado pelo autor (2017) a partir de dados da *Web Of Science*.

O cruzamento dessas informações revelou dois primeiros autores que se destacaram, tanto nos artigos com maior número de citações, quanto dentre os autores mais citados: o já mencionado Geoffrey J. Syme e Martin Johannes Fegg do Departamento de Medicina Paliativa da Universidade Ludwing Maxmilians de Munique na Alemanha.

Em relação ao sentido atribuído à nomenclatura empregada nos 16 artigos, adotou-se o entendimento funcional histórico de espaços de *homegardens* verificados por Tourinho e Silva (2016) para criar três categorias de usos, nas quais esses artigos foram analisados e quantificados. Assim, percebeu-se que 50% dessa produção científica se referem ao sentido de jardim doméstico (usos modernos; jardinagem), 28% ao sentido de quintal agroflorestal (sistema de produção tradicional; espaços de convivência) e 22% ao sentido de quintal urbano (reserva de valor; infraestrutura verde urbana).

CONCLUSÕES

1. As pesquisas sobre *homegardens* são predominantemente realizadas em países de clima tropical, com a maioria dos artigos publicados em inglês;
2. O Brasil se destaca na produção de artigos científicos sobre *homegardens* associados à qualidade de vida;
3. A análise de revistas indexadas mais relevantes sobre os temas revelou um comportamento difuso, não revelando um periódico específico para estes temas associados;
4. Com relação à distribuição da publicação durante o tempo de análise, observou um comportamento crescente, sugerindo a associação de diversos temas em pesquisas sobre *homegardens*;
5. A área de ciências de plantas foi a que mais se destacou em ambas as categorias de análise;

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior-CAPES pela concessão de bolsa de estudos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. C. G. G.; BARROS, R. F. M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu, v. 14, n. 3, p. 419-434, 2012. Disponível em <www.scielo.br/pdf/rbpm/v14n3/01>.

ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES R. Qualidade de vida: definições e conceitos. In: ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES R. **Qualidade de vida: definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo; 2012. p. 13-50.

BERLIM, M. T.; FLECK, M. P. A. "Quality of life": a brand new concept for research and practice in psychiatry. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 249-252, Oct. 2003. Disponível em <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/download/2409/1969>>.

FEGG, M. J.; KÖGLER, M.; ABRIGHT, C.; HENSLER, M.; LORENZL, S. Meaning in life in patients with progressive supranuclear palsy. **American Journal of Hospice e Palliative Medicine**, Vol. 31(5) 543-547, 2014. Disponível em <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1049909113492411>>.

FEGG, M. J.; BRANDSTÄTTER, M.; KRAMER, M.; KÖGLER, M.; HAARMANN-DOETKOTTE, S.; BORASIO, G. D. "Meaning in life in palliative care patients." **Journal of Pain and Symptom Management**, 40: 502-9, 2010. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20594803>>.

FERNANDEZ-CAÑERO, R.; ORDOVÁS ASCASO, J.; HERRERA MACHUCA, M. A. Domestic Gardens as Water-wise Landscapes: A case study in southwestern Europe. **HortTechnology**, vol. 21., n. 5., 616-623, 2011. Disponível em <<http://horttech.ashspublications.org/content/21/5/616>>.

GALHENA, D. H.; FREED, R.; MAREDA, K. M. Home gardens: a promising approach to enhance household food security and wellbeing. **Agriculture e Food Security**, 2(1), 8, 2013. Disponível em <<https://link.springer.com/article/10.1186/2048-7010-2-8>>.

GAMBETTE, P.; VÉRONIS, J. Visualising a Text with a Tree Cloud, **In**: Locarek-Junge H. and Weihs C., editors, Classification as a Tool of Research, Proc. of IFCS'09 (11th Conference of the International Federation of Classification Societies), p. 561-570, 2010.

KENDAL, D.; WILLIAMS, N. S. G.; WILLIAMS, K. J. H. Drivers of diversity and tree cover in gardens, parks and streetscapes in an Australian city. **Urban Forestry e Urban Greening**, 11, 257-265, 2012. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/257668998_Drivers_of_diversity_and_tree_cover_in_gardens_parks_and_streetscapes_in_an_Australian_city>.

KUMAR, B. M.; NAIR, P. K. R. The enigma of tropical homegardens. **Agrofor Syst.**, 61:35-152, 2004. Disponível em <<https://link.springer.com/article/10.1023/B:AGFO.0000028995.13227.ca>>.

LOPES, A. C. S.; MENEZES, M. C. de; ARAÚJO, M. L. de. O ambiente alimentar e o acesso a frutas e hortaliças: "Uma metrópole em perspectiva". **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 26,

n. 3, p. 764-773, sep. 2017. Disponível em <www.scielo.br/pdf/sausoc/v26n3/0104-1290-sausoc-26-03-00764>

MAROYI, A. Traditional homegardens and rural livelihoods in Nhema, Zimbabwe: a sustainable agroforestry system. **International Journal of Sustainable Development and World Ecology**, 16: 1-8, 2009. Disponível em <www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13504500902745895>.

MAROYI, A. Traditional use of medicinal plants in south-central Zimbabwe: review and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 9, 31, 2013. Disponível em <<https://ethnobiomed.biomedcentral.com/articles/10.1186/1746-4269-9-31>>.

MILLIGAN, C. GATRELL, A., BINGLEY, A. 'Cultivating health': therapeutic landscapes and older people in northern England. **Social Science and Medicine**, 58(9): 1781-93, 2004. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14990378>>.

MIYATA, M.; KIMURA, M. Roles of home gardening: A case study in remote islands of Okinawa, Japan. **Acta Hort.** (ISHS) 1093:139-143, 2015. Disponível em <http://actahort.org/books/1093/1093_15.htm>.

MONTAMBAULT, J. R.; ALAVALAPATI, J. R. R. Socioeconomic research in agroforestry: a decade in review. **Agrofor Syst.**, 65(2), 151-164, 2005. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/225310406_Socioeconomic_research_in_agroforestry_A_decade_in_review>.

NAIR P. K. R. **An Introduction to Agroforestry**. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers; 1993. Disponível em <https://www.worldagroforestry.org/Units/.../32_An_introduction_to_agroforestry>.

NORDH, H.; WIKLUND, K. T.; KOPPANG, K. E. Norwegian allotment gardens—a study of motives and benefits. **Landscape Research**, 1-16, 2016. Disponível em <www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01426397.2015.1125457>.

ORSINI, F.; KAHANE, R.; NONO-WOMDIM, R.; GIANQUINTO, G. Urban agriculture in the developing world: A review. **Agron. Sustain. Dev.**, 33, 695–720, 2013. Disponível em <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01201393/document>>.

RITTER, M. R.; SILVA, T. C. da; ARAÚJO, E. de L.; ALBUQUERQUE, U. P. Bibliometric analysis of ethnobotanical research in Brazil (1988-2013). **Acta Botanica Brasilica**, v.29, n.1, p.113-119, 2015. Disponível em <www.scielo.br/pdf/abb/v29n1/0102-3306-abb-29-01-00113>.

SOUSA, W. A.; VIEIRA, T. A. Sistemas agroflorestais: uma análise bibliométrica da produção científica de revistas brasileiras no período de 2005 a 2015. **Espacios (CARACAS)**, v.38, p.8-, 2017. Disponível em <www.revistaespacios.com/a17v38n36/a17v38n36p08>.

SPERANDIO, A. M. G.; FRANCISCO FILHO, L. L.; MATTOS, T. P. Política de promoção da saúde e planejamento urbano: articulações para o desenvolvimento da cidade saudável. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1931-1938, June, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232016000601931&script=sci_abstract&tlng=pt>.

SPURGEON, T.; SIMPSON, B. Carry-on gardening: an international resource for older and disabled gardeners. **Acta Hort.** (ISHS) 639:83-88, 2004. Disponível em <<https://doi.org/10.17660/ActaHortic.2004.639.9>>.

SYME, G. J.; SHAO, Q. X.; PO, M.; CAMPBELL, E. Predicting and Understanding Home Garden Water Use. **Landscape and Urban Planning**, 68(1), 121-128, 2004. Disponível em <www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0169204603001853>.

TOURINHO, H. L. Z.; SILVA, M. G. C. A. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 11, n. 3, p. 633-651, set.-dez, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222016000300633&script=sci_abstract&tlng=pt>.

WANG, H. F.; QURESHI, S.; KNAPP, S.; FRIEDMAN, C. R.; HUBACEK, K. A basic assessment of residential plant diversity and its ecosystem services and disservices in Beijing, China. **Applied Geography**, 64, 121-131, 2015. Disponível em <https://www.ufz.de/export/.../152250_Wang_etal_2015_JAP>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma relação intrínseca entre os mecanismos coletivos de perpetuação do conhecimento acumulado por meio das memórias cultural e biocultural e as avaliações sobre o bem-estar subjetivo e qualidade de vida, na medida em que possibilitam o mergulho no universo de sentido dos sujeitos para apreender os elementos que exercem influência sobre eles e sobre os quais nutrem vínculo identitário determinante de modos de vida específicos.

Em agroecossistemas de quintais, há a necessidade de se investir em pesquisas científicas que adotem abordagens integrativas e interdisciplinares que considerem a subjetividades desses sistemas de produção, em especial em bases teóricas como a etnoecologia, a vinculação afetiva e a qualidade de vida. Assim, pode-se reduzir obstáculos psicossociais que limitam o alcance e a operacionalização de instrumentos que contribuam na proposição de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento das cidades e melhoria das condições de vida da população a partir desse modo de produção.

Os estudos teóricos sobre os assuntos revelaram a carência de pesquisas desse tipo, apesar do nítido crescimento nas últimas décadas. A área de ciências de plantas destacou-se por concentrar a maior parte de pesquisas desse tipo. Mesmo existindo um periódico cujo escopo também abrange a produção científica sobre o agroecossistema quintal, como é o caso da *Agroforestry Systems*, a análise das revistas mais relevantes sobre os temas, indexadas pela *Web Of Science*, revelou um comportamento difuso dessa produção, não se destacando nenhum periódico específico para estes temas associados. Além disso, conceitos relacionados à etnoecologia, vinculação afetiva e memória (bio)cultural do sistema de quintais podem ser fundamentais para avaliações sobre qualidade de vida e bem-estar subjetivo de usuários e mantenedores desses espaços.

O estudo de bases teóricas que mergulham em aspectos abstratos e subjetivos sobre quintais agrofloretais, utilizando diferentes abordagens metodológicas, foi capaz de desnudar questões científicas importantes acerca da complexidade desses sistemas. Conhecer o estado da arte sobre quintais e qualidade de vida mostrou-se fundamental para ampliar o entendimento do que é uma vida boa para um agricultor vinculado a sua unidade produtiva. Porém a multiplicidade de vínculos que ele estabelece com seu meio de interação, em particular o entendimento dos fatores predominantes na formação e manutenção do vínculo afetivo; o patrimônio etnoecológico de crenças, práticas e saberes associados aos quintais; e,

sobretudo, o conhecimento dos fatores que influenciam na qualidade de vida e bem-estar subjetivo dos sujeitos que interagem com esses sistemas são alvos de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. C. G. G.; BARROS, R. F. M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu, v. 14, n. 3, p. 419-434, 2012.
- ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. e. Quintais como patrimônio biocultural. In: ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. e (Org.). **Quintais: Memória, Resistência e Patrimônio Biocultural**. 1ed. Belo Horizonte: EDUEMG - Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017, v. 1, p. 15-29.
- ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES R. Qualidade de vida: definições e conceitos. In: ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES R. **Qualidade de vida: definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo; 2012. p. 13-50.
- AMARAL, C. N.; GUARIM NETO. Quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo de na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso). **Ciências Humanas**, p.329-341, 2008.
- AMORIM, A. N. **Quintais urbanos de Teresina/PI: Cultivo de espécies úteis e apego ao lugar**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Piauí, 2015. 102 p.
- AMORIM, A. N.; CARVALHO, D. B.; BARROS, R. F. M. Vinculação afetiva a quintais urbanos do Nordeste Brasileiro. **Espacios** (Caracas), v. 36, p. 5-5, 2015.
- ANDERSON, A. B. GELY, A.; STRUDWICK, J.; SOBEL, G. L.; PINTO, M. G. C. Um sistema agroflorestral na várzea do estuário amazônico (Ilha das Onças, Município de Barcarena, Estado do Pará). **Acta Amazônica**, Manaus, v. 15, n. 1-2, p. 195-224, 1985.
- ANDERSON, E. N. Ethnobiology and Agroecology, in **Ethnobiology** (eds E. N. Anderson, D. Pearsall, E. Hunn and N. Turner), John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, NJ, USA. 2011.
- ANDERSON, E. N. **Ecologies of the heart: emotion, belief, and the environment**. New York: Oxford University Press; 1996.
- ARBUCKLE, J. G.; KAST, C. Quality of life on the agricultural treadmill: individual and community determinants of farm family well-being. **Journal of Rural Social Sciences**, 27, 84–113, 2012.
- ASMUS, R. M. F. **Qualidade de vida na agricultura familiar**. Tese (Doutorado em Política e Gestão Ambiental) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2004. 271 p.

ASSMANN, J. Communicative and Cultural Memory. In Meusburger P., Heffernan M., Wunder E. (eds) **Cultural Memories**. Knowledge and Space (Klaus Tschira Symposia), vol 4. Springer, Dordrecht, 2011.

ATKINSON, S.; FULLER, S.; PAINTER, J. (Eds.). **Well-being and Place**. London: Ashgate. 2012.

AZEVEDO, E. de. **As relações entre qualidade de vida e Agricultura Familiar Orgânica: da articulação de conceitos a um estudo exploratório**. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004. 123p.

BERLIM, M. T.; FLECK, M. P. A. "Quality of life": a brand new concept for research and practice in psychiatry. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 249-252, Oct. 2003.

BOTELHO, J. M.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N.; FERREIRA, M. L. Prática de cultivo e uso de plantas domésticas em diferentes cidades brasileiras. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 44, n.10, p.1810-1815, 2014.

BRAUER, R.; DYMITROW, M. Quality of life in rural areas: A topic for the Rural Development policy?. *Bulletin of Geography. Socio-economic Series*, [S.l.], n. 25, p. 25–54, Aug. 2014.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. (VERONESE, M. A. V., Trad.). Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.

CAMFIELD, L.; CRIVELLO, G.; WOODHEAD, M. Wellbeing Research in Developing Countries: Reviewing the Role of Qualitative Methods. **Social Indicators Research**. 90, 2009.

CARDOSO, T. M. Manejo da agrobiodiversidade na agricultura indígena de corte e queima do baixo rio Negro, Amazonas, Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, p. 2180-2183, 2009.

CLASON, D. L.; DORMODY, T. J. Analyzing Data Measured by Individual Likert- Type Items. **Journal of Agricultural Education**, v. 35, n. 4, p. 31-35. 1994.

COSTANZA, R. et al. Quality of life: An approach integrating opportunities, human needs and subjective wellbeing. **Ecological Economics**, v. 61, p. 267-276, 2007.

DE BOTTON, A. **The Architecture of Happiness**. London: Penguin, 2006.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010.

DIENER, E. A value based index for measuring national quality of life. **Social Indicators Research**, v. 36, p. 107-207, 1995.

DIENER, E.; DIENER, M.; DIENER, C. Factors predicting the subjective well-being of nations. **Journal of Personality and Social Psychology**, 69, 851–864, 1995.

DIENER, E.; GOHM, C. L.; SUH, E.; OISHI, S. Similarity of the relations between marital status and subjective well-being across cultures. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, 31(4), 419–436, 2000.

DIENER, E.; SUH, E. M. Measuring subjective well-being to compare the quality of life of cultures. In: DIENER, E.; SUH, E. M. (Eds.) **Culture and subjective well-being** (pp. 3-12). Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

D'OLNE CAMPOS, M. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: Amorozo, M. C. M., Ming, L. C. & Silva, S. P. (Orgs.). **Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPq, p. 47-91, 2002.

DRUMMOD, J. A. A história ambiental e o choque das civilizações. **Ambient. soc.** n.5 Campinas jul./dez, 1999.

DURAND, L. Modernidad y romanticismo en etnoecología. **Alteridades**, v. 10, n. 19, p. 143-150, 2000.

EBOLI, M. G.; MACRI, M. C.; MICOCCI, A.; VERRECCHIA, F. Multifunctional Agriculture, Quality of Life and Policy Decisions: an Empirical Case. In: 116th Seminar. Parma, Italy. **European Association of Agricultural Economists**. 2010.

EDGERTON, R. B. **Sick societies: Challenging the Myth of Primitive Harmony**. New York: Free Press, 1992.

ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. Apego ao lugar. IN: CAVALCANTE, S. e ELALI, G. A. (Ed.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ERLL, A. Cultural Memory Studies: An Introduction. In Astrid Erll, Ansgar Nünning (Hg.), **Cultural Memory Studies**. An International and Interdisciplinary Handbook, Berlin, New York, 2008.

ETKIN, N. L.; TICKTIN, T.; MCMILLEN, H. L. Ethnoecological Approaches to Integrating Theory and Method in Ethnomedical Research, in **Ethnobiology** (eds E. N. Anderson, D. Pearsall, E. Hunn and N. Turner), John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, NJ, USA. 2011.

FADAMIRO, J. A.; ADEDEJI, J. A. Home gardens and quality of life in Akure, Nigeria. In: **Cientific Cooperations Workshops on Engineering Branches**, 82-88, 2015.

FEGG, M. J.; BRANDSTÄTTER, M.; KRAMER, M.; KÖGLER, M.; HAARMANN-DOETKOTTE, S.; BORASIO, G. D. "Meaning in life in palliative care patients." **Journal of Pain and Symptom Management**, 40: 502–9, 2010.

FEGG, M. J.; KÖGLER, M.; ABRIGHT, C.; HENSLER, M.; LORENZL, S. Meaning in life in patients with progressive supranuclear palsy. **American Journal of Hospice e Palliative Medicine**, Vol. 31(5) 543-547, 2014.

FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v. 29, n. 4, p. 609-617, Dec. 2012

FERNANDEZ-CAÑERO, R.; ORDOVÁS ASCASO, J.; HERRERA MACHUCA, M. A. Domestic Gardens as Water-wise Landscapes: A case study in southwestern Europe. **HortTechnology**, vol. 21., n. 5., 616-623, 2011.

FERREIRA, K. P. M. **Ficar ou Partir? Afetividade de migração de jovens do semiárido cearense.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2006. 177 p.

GALHENA, D. H.; FREED, R.; MAREDA, K. M. Home gardens: a promising approach to enhance household food security and wellbeing. **Agriculture e Food Security**, 2(1), 8, 2013.

GAMBETTE, P.; VÉRONIS, J. Visualising a Text with a Tree Cloud, In: **Locarek-Junge H. and Weihs C., editors, Classification as a Tool of Research**, Proc. of IFCS'09 (11th Conference of the International Federation of Classification Societies), p. 561-570, 2010.

GIACOMONI, C. H. Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 43-50, jun, 2004.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. In: TASSARA, E.; RABINOVICH, E.; GUEDES, M. C. (Orgs.). **Psicologia e ambiente.** São Paulo: Educ. 2004.

GOMES, Â. M. da S. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: terreiros, quilombos e quintais da Grande BH.** Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. 220 p.

GORAN, R.; JELISAVKA, B. Theoretical approach to the study of quality of life in rural and urban settlements. *Analele Universității din Oradea: Seria Geografie*. 26(1):5-24, 2016.

HELLER, A. Cultural Memory, Identity and Civil Society. **Internationale Politik und Gesellschaft**. 2: 139-143, 2001.

JOHNSON, L. M.; DAVIDSON-HUNT, I. Ethnoecology and Landscapes. In: **Ethnobiology** (eds E. N. Anderson, D. Pearsall, E. Hunn and N. Turner), John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, NJ, USA, 2011.

KENDAL, D.; WILLIAMS, N. S. G.; WILLIAMS, K. J. H. Drivers of diversity and tree cover in gardens, parks and streetscapes in an Australian city. **Urban Forestry e Urban Greening**, 11, 257– 265, 2012.

KIM, Y. H.; CAI, H.; GILLILAND, M.; CHIU, C. Y.; XIA, S.; TAM, K. P. Standing in the Glory or Shadow of the Past Self: Cultures Differ in How Much the Past Self Affects Current Subjective Well-Being. **Emotion** (Washington, D.C.). 12. 1111-7, 2012.

KOO, M.; OISHI, S. False memory and the associative network of happiness. **Pers Soc Psychol Bull.** 35(2):212-20, 2009.

KOUKKOU, M.; FABER, P. L.; MILZ, P. **Sociocultural and scientific beliefs: interrelationships and the experience of well- or mal-being.** Proceedings (RX30) of the Joint WPA-INA-HSAPRS Congress (October 30th – November 11th 2014, Athens), 2015.

KUHNEN, A. Interações humano-ambientais e comportamentos socioespaciais. In: KUHNEN, A.; CRUZ, R. M.; TAKASE, E. (Org). **Interações pessoa-ambiente e saúde.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

KUMAR, B. M.; NAIR, P. K. R. The enigma of tropical homegardens. **Agrofor Syst.**, 61:35–152, 2004.

KUNHAMU, T. K. Tropical homegardens. *Agroforestry-Theory and Practice.* RAJ, A. J.; LAL, S.B. (eds). **Scientific publishers** (India), Jodhpur. pp- 365-375. 2013.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space.** Trad. D. Nicholson-Smith Oxford: Basil Blackwell, 1991.

LOPES, A. C. S.; MENEZES, M. C. de; ARAÚJO, M. L. de. O ambiente alimentar e o acesso a frutas e hortaliças: “Uma metrópole em perspectiva”. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 764-773, sep. 2017.

LOW, S. M.; ALTMAN, I. Place Attachment: a Conceptual Inquiry. In: LOW, S. M.; ALTMAN, I. (Orgs.) **Place Attachment: Human Behavior and Environment – Advances in Theory and Research.** Nova York: Plenum Press. 1992.

MANSANO, S. R. V. Espaço urbano, natureza e relações sociais: por uma sustentabilidade afetiva. **Psicol. Teor. Prat.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 49-59, abr. 2016.

MARANS, R. W.; STIMSON, R. J. (Eds.) Investigating quality of urban life: Theory, methods and empirical research. Social Indicators Research Series, volume 45, **Springer, Dordrecht.** 2011.

MAROYI, A. Traditional homegardens and rural livelihoods in Nhema, Zimbabwe: a sustainable agroforestry system. **International Journal of Sustainable Development and World Ecology**, 16: 1-8, 2009.

- MAROYI, A. Traditional homegardens and rural livelihoods in Nhema, Zimbabwe: a sustainable agroforestry system. **Int J Sustain Dev World Ecol**, 16:1–8, 2009.
- MAROYI, A. Traditional use of medicinal plants in south-central Zimbabwe: review and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 9, 31, 2013.
- MATOS, R. S. **A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano – Reflexões**. Tese (Doutorado). Universidade de Évora, Évora, p. 392, 2010.
- MEUSBURGER, P.; HEFFERNAN, M.; WUNDER, E. Cultural Memories: An Introduction. In: MEUSBURGER, P.; HEFFERNAN, M.; WUNDER, E. (eds) **Cultural Memories. Knowledge and Space** (Klaus Tschira Symposia), vol 4. Springer, Dordrecht, 2011.
- MILLIGAN, C. GATRELL, A., BINGLEY, A. ‘Cultivating health’: therapeutic landscapes and older people in northern England. **Social Science and Medicine**, 58(9): 1781-93, 2004.
- MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.5, n.1: 7-18, 2000.
- MIYATA, M.; KIMURA, M. Roles of home gardening: A case study in remote islands of Okinawa, Japan. **Acta Hort.** (ISHS) 1093:139-143, 2015.
- MONTAMBAULT, J. R.; ALAVALAPATI, J. R. R. Socioeconomic research in agroforestry: a decade in review. **Agrofor Syst.**, 65(2), 151-164, 2005.
- NAIR P. K. R. **An Introduction to Agroforestry**. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer. Academic Publishers; 1993.
- NAZAREA, V. **Cultural memory and biodiversity**. Tucson: University of Arizona Press; 1998.
- NORDH, H.; WIKLUND, K. T.; KOPPANG, K. E. Norwegian allotment gardens—a study of motives and benefits. **Landscape Research**, 1-16, 2016.
- NUNES, N. Casa, praça, jardim e quintal. **Ciência e Trópico**, Recife, v.22, p. 253-264, 1994.
- OGUNSEITAN, A. O. WHO-QOL Instrument and Environmental Health Assessment. In: Nriagu JO (ed.) **Encyclopedia of Environmental Health**. Burlington: Elsevier, v. 5, pp. 769–776. 2011.
- ORSINI, F.; KAHANE, R.; NONO-WOMDIM, R.; GIANQUINTO, G. Urban agriculture in the developing world: A review. **Agron. Sustain. Dev.**, 33, 695–720, 2013.
- PENTEADO, R. Z.; PEREIRA, I. M. T. B. Qualidade de vida e saúde de professores. **Revista de Saúde Pública**, 41(2), 236-243. 2007.

PESSOA, Y. S. R. Q. **Agricultura familiar: uma perspectiva da qualidade de vida do produtor rural orgânico da Paraíba.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014. 153 p.

PINHEIRO, J. Q. Psicologia Ambiental: espaços construídos, problemas ambientais, sustentabilidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, 8(2), 209-213, 2003.

PRADO, H. M.; MURRIETA, R. S. S. A etnoecologia em perspectiva: origens, interfaces e correntes atuais de um campo em ascensão. **Ambiente & Sociedade**, 18(4), 139-160, 2015.

RITTER, M. R.; SILVA, T. C. da; ARAÚJO, E. de L.; ALBUQUERQUE, U. P. Bibliometric analysis of ethnobotanical research in Brazil (1988-2013). **Acta Botanica Brasilica**, v.29, n.1, p.113-119, 2015.

ROBERTI, J.; MUSSI, G. El desarrollo rural y las contribuciones de la Psicología: un estado de la cuestión. **Mundo Agrario**, 15(28). 2014.

ROYUELA. V.; SURINACH J.; REYES, M. **Measuring quality of life in small áreas over diferente periods of time.** SIR, 64 (1). 2003.

SALAM, M. A.; SREEKUMAR, D. Kerala homegardens. A traditional agroforestry system from Índia. **Agroforestry Today**, p. 10-16, jul.-set., 1992.

SCHMID, C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, n. 32, p. 89-109, dec. 2012.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SILVA, R. C. da; GILIO, L. Treinamentos corporativos, qualidade de vida e saúde do trabalhador. **Aletheia**, Canoas, n. 37, p. 197-211, abr. 2012.

SEIDLITZ, L.; DIENER, E. Memory for positive versus negative life events: Theories for the differences between happy and unhappy persons. **Journal of Personality and Social Psychology**, 64, 654-664, 1993.

SILVA, Y. V. L.; SILVA, G. G.; GONCALVES, C. S.; SOUZA, M. O.; ALMADA, E. D. Memórias e Saberes nos Quintais Urbanos de Ibité/MG. In: ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. e (Org.). **Quintais: Memória, Resistência e Patrimônio Biocultural**. 1ed. Belo Horizonte: EDUEMG - Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017, v. 1, p. 31-43.

SOUSA, W. A.; VIEIRA, T. A. Sistemas agroflorestais: uma análise bibliométrica da produção científica de revistas brasileiras no período de 2005 a 2015. **Espacios (CARACAS)**, v.38, p.8-, 2017.

SPERANDIO, A. M. G.; FRANCISCO FILHO, L. L.; MATTOS, T. P. Política de promoção da saúde e planejamento urbano: articulações para o desenvolvimento da cidade saudável. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1931-1938, June, 2016.

SPURGEON, T.; SIMPSON, B. Carry-on gardening: an international resource for older and disabled gardeners. **Acta Hort.** (ISHS) 639:83-88, 2004.

SUH, E.; DIENER, E.; OISHI, S.; TRIANDIS, H. C. The shifting basis of life satisfaction judgments across cultures: Emotions versus norms. **Journal of Personality and Social Psychology**, 74, 482–493, 1998.

SYME, G. J.; SHAO, Q. X.; PO, M.; CAMPBELL, E. Predicting and Understanding Home Garden Water Use. **Landscape and Urban Planning**, 68(1), 121-128, 2004.

TAM, K. P.; LAU, B.; JIANG, D. Culture and Subjective Well-Being: A Dynamic Constructivist View. **Journal of Cross-Cultural Psychology**. 43. 23-31, 2012.

THEUNS, P.; BARAN, B.; VAN VAERENBERGH, R.; HELLENBOSCH, H.; TILIOUINE, H. A cross-cultural experimental approach to the contribution of health, religion and personal relations to subjective satisfaction with life as a whole. **Psicológica**, 33, 591–608, 2012.

TOLEDO V. M. What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. **Ethnoecológica** 1992;1(1):5–21.

TOLEDO, V. M. Ethnoecology: a conceptual framework for the study of Indigenous knowledge of nature. In: J. R. STEPP F, WYNDAM S, ZARGER R.K. editors. **Ethnobiology and biocultural diversity**. Athens (GA): International Society of Ethnobiology; 2002. p. 511–522.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **La memória biocultural: la importância ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. 1ª Ed. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2015.

TOURINHO, H. L. Z.; SILVA, M. G. C. A. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 11, n. 3, p. 633-651, set.-dez, 2016.

TOV, W.; DIENER, E. Culture and subjective well-being. In S. Kitayama & D. Cohen (Eds.), **Handbook of cultural psychology** (pp. 691-713). New York: Guilford, 2007.

VERSIANI, I. V. L. Indicadores georreferenciados de qualidade de vida urbana: Possibilidades para o planejamento urbano. **Revista Cerrados**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 191-214, out. 2016.

VITTE, A. C. Modernidade, território e sustentabilidade: refletindo sobre qualidade de vida. In: VITTE, C.; KEINERT, T. (Orgs.) **Qualidade de Vida, Planejamento e Gestão Urbana: discussões teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009. p.89- 109.

VITTE, C. de C. S. A qualidade de vida urbana e sua dimensão subjetiva: uma contribuição ao debate sobre políticas públicas e sobre a cidade. In: VITTE, C.; KEINERT, T. (Orgs.) **Qualidade de Vida, Planejamento e Gestão Urbana: discussões teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009. p.89-109.

VOLPATO, G. L. O Método Lógico para Redação Científica. **RECIIS - Rev Eletron de Comun Inf Inov Saúde**. 9(1), 2015.

WANG, H. F.; QURESHI, S.; KNAPP, S.; FRIEDMAN, C. R.; HUBACEK, K. A basic assessment of residential plant diversity and its ecosystem services and disservices in Beijing, China. **Applied Geography**, 64, 121-131, 2015.

ZAMPINI, J. W. Down to Earth Benefits of People-Plant Interactions in Our Community. **Journal of Home & Consumer Horticulture**, 1:2-3, 185-191, 1994.

ZIDANSEK, A. Sustainable development and happiness in nations. **Energy**, v. 32, p. 891-897, 2007.